

***REFLEXÕES DEMONOLÓGICAS BIZANTINAS:
(PS.)-PSELO. TIMÓTEO OU SOBRE A ATUAÇÃO
DOS DEMÓNIOS (ΤΙΜΟΘΕΟΣ ἢ ΠΕΡΙ
ΕΝΕΡΓΕΙΑΣ ΔΑΙΜΟΝΩΝ)***

***BYZANTINE DEMONOLOGICAL REFLECTIONS:
(PS.) - PSELLVS. TIMOTHY OR ON THE
OPERATIONS OF DAEMONS (ΤΙΜΟΘΕΟΣ ἢ
ΠΕΡΙ ΕΝΕΡΓΕΙΑΣ ΔΑΙΜΟΝΩΝ)***

AUTOR:

MIGUEL PSELO (PS. PSELO) / MICHAEL PSELLUS (PS. PSELLUS)

TRADUTORA:

REINA MARISOL TROCA PEREIRA**
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL

Sinopse: Introdução/comentário, notas e tradução do diálogo bizantino *Sobre a Atuação dos Demónios* (Τιμόθεος ἢ Περί Ενέργειας Δαιμόνων). Opúsculo de autoria dúbia, atribuído a Pselo. De teor demonológico, contempla informações respeitantes a tipos, formas, características possessões/efeitos de demónios. De traço neoplatónico, em período judaico-cristão, a ortodoxia cristã de Pselo nesta obra insurge-se contra as principais heresias à época.

Palavras-Chave: demonologia; demónios; possessão; heresias; cristãos.

Abstract: Introduction / commentary, notes and translation of the Byzantine dialogue *On the Operation of Daemons* (Τιμόθεος ἢ Περί Ενέργειας Δαιμόνων). Book of dubious authorship, attributed to Psellus. With a demonological content, it includes information regarding the types, forms, characteristics / effects of demoniacal possessions. With a Neoplatonic trait, in the Judeo-Christian period, the Christian orthodoxy of Psellus in this work speaks against the main heresies at the time.

Keywords: demonology; Devils; possession; heresies; Christians.

* Tradução recebida em 18/03/2021 e aprovada para publicação pelo Conselho Editorial em 25/04/2021.

** Orcid: . E-mail: rmtp@ubi.pt.

Reflexões demonológicas bizantinas: (Ps.)-Pselo.

Timóteo ou Sobre a Atuação dos Demónios

(Τιμόθεος ἢ Περὶ Ενέργειας Δαιμόνων)

Ἄει Ἰδέλει ἀεὶ·

1. EDIÇÕES E AUTORIA

Cumpra iniciar quaisquer observações a propósito da obra grega Τιμόθεος ἢ Περὶ Ενέργειας Δαιμόνων, "Timóteo ou Sobre a Atuação dos Demónios" com factos relativos à veiculação do opúsculo bizantino¹, porquanto a autoria² do mesmo permanece discutível.

No tocante aos suportes físicos materiais, constata-se a presença de divulgação em múltiplos códices, ocupando por vezes posições de certo modo denunciativas de relevo - início ou final dos conjuntos³.

Designadamente, (A) *Parisinus gr.* 1310 (cod. 444 ff.⁴), ff. 261-271v, de vários autores, meados / segunda metade séc. XV; (B) *Barberinianus gr.* 38 (cod. 86 ff.), ff. 34v-82v, apenas com obras de Pselo, meados séc. XVI. Também (C) *Coislinianus* 280 (cod. 438 ff.), ff. 422-436, final séc. XV, por mão diferente dos fólhos anteriores da autoria de Tomás d'Aquino; com 19 ff., *Barberinianus gr.* 88 (D), meados séc. XV, ff. 4v-16 (cod. 19 ff.); *Coislinianus* 228 (E a), ff. 77-80v (texto mutilado no início, por ff. 75-76v em falta), terceiro manuscrito de um conjunto heteróclito, com papel de épocas distintas (séc. XI: ff. 12-74, 88-95, 116-122; séc. XIV: restantes), escrita de meados séc. XIV; com um total de 297 ff., *Angelicus gr.* 90, ff. 280v-282v com interrupções (E b), estruturado em duas partes (ff. 1-205v copiado por A. Damilas, 1479), meados séc. XIV. Outrossim, ff. 1-28 (F = B Boissonade), copiado em meados séc. XVI por Cristóvão Aúreo; *Riccardianus gr.* 63 (G), ff. 1-11, por 5 escribas (ff. 1-12, ff. 12-22, ff. 25-40, ff. 41-76 e 82v-131, ff. 76v-82), séc. XIII (ff. 1-22) / séc. XIV (restante); comportando 329 ff., *Laurentianus gr.* 9-32 (H), ff. 319-329, final séc. XIV;

¹ Cf. Krumbacher-Ehrhard 1897; Mango 1975; Greenfield 1988.

² Cf. Papaioannou 2013.

³ As siglas seguem Gautier 1980.

⁴ Doravante, entendam-se cod. por *codex* [conjunto total de fólhos]; f. por *folium*; ff. por *folia*; *Inc.* por *incipit*; séc., por 'século(s)'. As abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina, sempre que constem, são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press. As publicações periódicas encontram-se referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*.

Parisinus gr. 2109 (I = C Boissonade), ff. 26-48v, com 48 ff., séc. XVI; *Parisinus gr.* 2132 (J = D Boissonade), ff. 1-23, cod. 23 ff., séc. XVI; *Vindobonensis Phil. gr.* 225 (K), ff. 87-101, comportando 159 ff., séc. XV; com 118 ff., *Laurentianus gr.* 28-45 (L), ff. 77-118v, Milão, 1445, por D. Sguropulo. De igual modo, com 22 ff., (M) *Vallicellanus gr.* 111 (F 113), ff. 1-19, séc. XVI, por J. de Otranto (?); com 457 ff., *Monacensis gr.* 100 (N), ff. 224-237, parte em 1551, João M. de Naúplio; *Monacensis gr.* 392 (O), ff. 37-52v (cod. 226 ff.), fim séc. XV / início séc. XVI; (P) *Monacensis gr.* 435, ff. 142-159 (cod. 159 ff.), séc. XV/XVI. Com 231 ff., copiado por Nicolau Mourmouris, 1542, *Scorialensis gr.* 188 (Q), ff. 221v-231v; *Casanatensis Misc.* 1161 (R), ff. 1-32, séc. XVI; com 266 ff.; *Vindobonensis hist. gr.* 91 (S), ff. 27 (31 linhas, texto reduzido), séc. XV; com 474 ff.; *Neapolitanus B.G.* xxii, I (T), ff. 118v-125, redigido por A. Pyropoulos, final séc. XV; (U) *Ambrosianus gr.* 598 (0 123 Sup.), ff. 10-31, redigido por C. Veneto, séc. XVI, num total de 184 ff. Outrossim, de 192 ff., (V) *Vaticanus gr.* 274, ff. 175-192, séc. XVI, por duas mãos (M. Malaxos, M. Glynzounios); com 82 ff., (W) *Berolinensis Philipp.* 1558, ff. 42v-61v, séc. XVI; mutilado após o séc. XVI, reunindo 181 ff.; (X) *Vaticanus gr.* 1411, ff. 34v-42v; com 59 ff.; (Y)⁵ *Neapolitanus B.N.* 18*, ff. 37v, séc. XV. De igual forma, com 981 ff., (Z) *Athos Iviron* 388, ff. 848-850, séc. XVII.

Assim, pois, o *stemma codicum*⁶ aqui em sequência textual (reescrita):

σ (incertamente): G (fim séc. XIII), *¹ (desconhecido, meados séc. XIV), *² (desconhecido, c. 1350-1400).

G: L (c. 1400-1450), *³ (c. 1400-1450).

L: *⁴ (final séc. XV), R (c. 1500-1550).

*³: U (c. 1550-1600), P (séc. XVI), *⁵.

*⁴: F (meados séc. XVI), J (meados séc. XVI), M (meados séc. XVI), incerto B (meados séc. XVI).

*⁵: O (c. 1500-1550), V (meados séc. XVI).

*¹: X (fim séc. XIV, c. 1380-1400).

X: *⁶.

*⁶: T (c.1450-1500), N (meados séc. XVI), Q (meados séc. XVI), incerto D (meados séc. XV).

T: C (séc. XVI), I (meados séc. XVI), W (meados séc. XVI).

*²: *⁷(incerto, c.1300-1350, 2º quartel), *⁸(c.1350-1400).

⁵ Vd. outrossim dois textos atribuídos a Pselo: Έπι του Ψελλού περι δαιμόνων. *Inc.* Έθουν δε τοις αίθερίοις μέν (ff. 37-38v = §2-3 *Opiniões dos Gregos acerca dos Demónios*, PG 122: 876-880); Του αΐτου Ψελλού περι δαιμόνων. *Inc.* Εί γάρ κατά τον Σιμωνίδηγ (ff. 38v - linhas 17-20 *Opiniões dos Gregos acerca dos Demónios*, PG 122: 876-880).

⁶ A partir de Gautier 1980: 124. Entendam-se σ: arquétipo; *: tradição anónima.

*⁷: E (meados séc. XIV).

*⁸: H (final séc. XIV), *⁹ (desconhecido c. 1400-1450).

*⁹: A (meados séc. XV), K (c. 1450-1500).

Em vários desses manuscritos, a obra, com ligeira nuanças de denominação e tipificação, surge atribuída a Pselo⁷.

2. Pselo

Inadequação moral face a vetores como honestidade, retidão, vaidade, servilismo lisonjeiro (cf. a Monómaco) e ambição desmedida são algumas facetas que caracterizam o espécime grosseiro de bizantinismo⁸ nato Constantino (1018 - c. abril/maio 1078)⁹, o jovem. De educação clássica e cristã (Constantinopla, Atenas), estuda com J. Mauropo, via de contacto com futuros patriarcas (e.g. Constantino, Leicudes, Xifilino) e imperadores. Com ascendência aristocrata constantinopolitana (consular, patrística. Vd. *Encomium ad suam matrem*), o 'Chefe dos Filósofos'¹⁰ (ἄρχηγος τῶν φιλοσόφων) da Universidade de Constantinopla (1045-1054) conduz uma vida social pelos mais elevados círculos¹¹, desde Miguel IV Paflagónio, assumindo-se como mestre e conselheiro de imperadores bizantinos, situação que não o arredava de intrigas da corte, no sangrento período bizantino (†Basílio Bulgaroktono - Aleixo Comneno) pautado por disputas de poder e revoluções palacianas¹².

⁷ Vd. referências a propósito em Bandini, A. (1764-1770). *Catologus Codicum Graecorum Bibliothecae Laurentianae*. Florentiae; Iriarte, Jo. (1769). *Regiae bibliothecae Matitensis Codices Graeci*. Madrid; Omont, H. (1886-1898). *Inventaire Sommaire des Manuscrits Grecs de la Bibliothèque Nationale*. Paris; Martini, E. (1893, 1896, 1902). *Catálogo di Manoscritti Greci esistenti nelle Biblioteche italiane*. Milano; Martini, E. & Bassi, D. (1906). *Catologus Codicum Graecorum Bibliothecae Ambrosianae*. Mediolani. Cf. Zervos 1919; Hussey 1935; Barber-Jenkins 1989; Magdalino-Mavroudi 2006.

⁸ Vd. Krumbacher-Ehrhard 1897: 435.

⁹ Embora de biografia inexistente, considerem-se informações autobiográficas dispersas em escritos da sua autoria, designadamente *Cronografia*, porquanto reporta aspetos de Bizâncio entre 976-1077, assim como epistolografia, discursos. Vd. Riedinger 2010, destacando quatro períodos essenciais: de juiz (cf., para o efeito, 11/12 cartas); entrada no palácio; ensino/'cônsul dos filósofos', sob reinado de Monómaco (cf. *Elogio de Xifilino*, MB IV, 433²-434²⁴); primeiro secretário/secretário imperial, *protasekretis* (cf. Ὅτε παρητήσατο τὴν τοῦ πρωτοσημοῦντις ἄξιαν).

¹⁰ Vd. Kaldellis 2006. No seguimento do enciclopedismo de Pselo, Bent1885: 287 refere-o como Voltaire da sua época e ainda mais.

¹¹ Vd. outrossim a esposa e mãe da filha Estiliana (cf. Estiliano Zaoutzes, um dos sogros de Leão VI), quicá de ascendência imperial. Cf. carta KD 34.

¹² Cf., no tempo de vida de Pselo, a considerável sucessão de imperadores e imperatrizes bizantinos: da dinastia macedónia, Basílio II (976-1025), Constantino VIII (1025-1028), as filhas Zoé (1028-1050), com os seus 3 maridos (Romano III Argiro: 1028-1034, Miguel IV. 1034-1041, Constantino IX:1042-1050), e a irmã, Teodora (1042-1056); Constantino IX Monómaco (1042-1055). No período não dinástico, marcado pela revolta de Isaac Comneno, distingue-se Miguel VI (1056-1057). Da dinastia comnena, Isaac I Comneno (1057-1059); da dinastia ducas, Constantino X (1059-1067), Miguel VII (1067-1078, por menoridade, regência materna de Eudóxia Macrembolitissa - 1067-1068), Romano IV Diógenes (1068-1071. Deposto após Batalha

Polivalente, destaca-se ainda enquanto juiz (Filadélfia), secretário imperial (sob imperador Miguel V Calafate), secretário de estado (πρωστασημωρῆτις de Constantino IX Monómaco). Já após 1054, sob o nome Miguel Pselo¹³, ministro de estado (de Teodora; Miguel VII Ducas) até 107; embaixador (cf. tratado com rebelde Isaac Comneno, após derrota imperial, Niceia, 1057), conselheiro político, entidade especialmente influente sob Constantino X.

Igualmente, o Erudito Constantinopolitano distingue-se como redator medievo de vasta obra em vetusta expressão helénica. De facto, explora ampla abrangência temática à maneira humanista¹⁴, num *corpus*¹⁵ com dezenas de títulos de áreas embora díspares, complementares das suas funções laborais¹⁶, em formas literárias e géneros distintos¹⁷, pontuados por tonalidades neoplatónicas¹⁸, gnósticas, herméticas¹⁹. Com efeito, ainda que cristão ortodoxo, não exime o notório apreço por autores e aspetos pagãos²⁰, do âmbito das culturas da Antiguidade Clássica, designadamente Homero²¹, Platão (séc. V a.C.), Aristóteles, filósofo de autoridade reconhecida pela Igreja (séc. IV a.C.), que comentou -

de Manzikert, 1072), Nicéforo III (1078-1081); da dinastia comnena, Aleixo I (1081-1118). Vd. Cabrera Muñoz 1998.

¹³ Cf. a adoção de um pseudónimo, porquanto em 1054, seguindo Xifilino, encaminh-se para o mosteiro de Olimpo, Bitúnia, pelo que a escolha de Miguel, conforme o arcanjo no controle de demónios: (um dos três arcanjos nomeados do *Antigo Testamento*, a par de Rafael e Gabriel), numa atitude de hagiolatria, no seio da hagiografia, quase herética, face à pretensão de aproximar demónios a anjos. Cf. Dawes–Baynes 1977. Vd. *Oratio in Archangelum Michaellem*. A parte final do pseudónimo é um apelido (Pselo), indiciando, quiçá, uma particularidade física do autor. Cf. Ψελλός, 'de fala hesitante, inarticulado'. Vd. 'pselismo': 'gaguez'.

¹⁴ Vd. Cortesi–Maltese 1991.

¹⁵ Vd. Fabrício (séc. XVII/XVIII), *Bibliotheca Graeca* 10.41.

¹⁶ E.g. astronomia; cosmologia; política; material autobiográfico de governantes bizantinos, alguns dos quais serviu, outros anteriores, como *Chronographia*, em 1076-1077, prosseguindo Diácono, 976-1077; medicina; geografia; psicologia; história, como *Historia Syntomos*; jurisprudência - a partir de J. Xifilino; física; música; teurgia; filologia; gramática; hierarquia de deuses e espíritos; teologia; magia; demonologia. Vd. *Mt.* 12:24-27.

¹⁷ Viz. tratados; ensaios; tópicos de gramática; dialética e retórica grega; paráfrase, nomeadamente de *Ilíada*; obras satíricas; discursos hagiográficos (*orationes hagiographicae*); poesia didática; enciclopédia - enciclopédia ora fragmentária (Διδασκαλία Παντοδαπή); crónicas; diálogos; orações fúnebres/epitáfios (e.g. de Constantino III; João Xifilino; da sua mãe; do patriarca Miguel Cerulário, que acusara, em 1059, juntamente com os seus protegidos monges, de relacionamento com demónios malignos); prefácios; obras epigramáticas, c. 500 cartas pessoais (cf. Bent 1885: 287, referindo apenas 205 cartas); poemas didáticos; discursos panegíricos - e.g. ao Patriarca João Xifilino, 1075; processos de acusação, como em 1059 contra o patriarca Miguel Cerulário.

¹⁸ Cf. Mariev 2017.

¹⁹ Cf. conjunto de textos com elementos egípcios e filosofia helénica (vd. platonismo, estoicismo) vários enquanto tratados dialógicos. Atribuídos a uma figura hiperbolizada do grego Hermes e egípcio Thoth-Hermes Trismegisto (Τρισμέγιστος: 'três vezes grande') séc. I-II/III (vd. datação mais recuada rejeitada, viz. séc. VI a.C., Flinders Petrie séc. XIX/XX). Cf. tradução latina do *Corpus Hermeticum*, 1463 (ed. 1471).

²⁰ Vd. Boissier 1891; Dodds 1965.

²¹ A complexa 'questão homérica, enquanto conjunto de dúvidas relativas à existência, proveniência e datação de Homero (cf. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), à autoria, forma de composição das epopeias que lhe são comumente atribuídas (viz. *Ilíada* e *Odiseia*), existência factual de alguns conteúdos, não parecia colocar-se na Antiguidade, tampouco no período bizantino. As dúvidas suscitadas por estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários são dados muito posteriores. Considere-se então o conhecimento e utilização por parte de Pselo das epopeias tradicionalmente atribuídas a Homero. Vd. Jensen 1980; Nagy 1996; Tuner 1997.

Peri Hermeneias; Plotino (séc. III), Porfírio (séc. III), Iâmblico (séc. IV), Proclo (séc. V)²²; bem como Oráculos Caldaicos (séc. II).

Com argúcia, consegue gerir o seu credo; a admiração por domínios neoplatónicos²³ introduzidos por elementos do contexto clássico pagão; bem como o espírito crítico face a seitas teológicas heréticas²⁴, designadamente bogomilismo²⁵, euquitas, conforme se verifica no opúsculo ora em apreço. *A posteriori*, influencia²⁶ de igual modo diversas figuras, a exemplo das subsequentes, tanto no Renascimento, séc. XV/XVI: H. C. Agripa; séc. XVI/XVII: Francesco Maria Guazzo, padre italiano, autor de *Compendium Maleficarum*, 1608; J. Milto; Giordano Bruno; Robert Burton.

3. Autoria (?), Título, Edições

Por conseguinte, atribuem a obra a Pselo os manuscritos C Τοῦ σοφωτάτου Ψελλοῦ διάλογος Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων· τὰ πρόσωπα Τιμόθεος καὶ Θροῦζ, "Do mui sábio Pselo Diálogo Timóteo ou Acerca dos Demónios: os caracteres do diálogo Timóteo e Trácio"; com descrição abonatória inicial do autor, H: Τοῦ Ψελλοῦ κῆρ Μιχαήλ καὶ ὑπάτου τῶν φιλοσόφων Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων, "De Pselo, de início Miguel, também o maior dos filósofos, Timóteo ou Acerca dos demónios"; mais resumidamente, K: Τοῦ σοφωτάτου Ψελλοῦ κηροῦ Μιχαήλ Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων; "De Pselo, de início Miguel, também o maior dos filósofos, Timóteo ou Acerca dos demónios". Outrossim, com indicação do primeiro nome do autor, Z: Μιχαήλ Ψελλοῦ διάλογος Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων· τὰ πρόσωπα Τιμόθεος καὶ Θροῦζ, "De Miguel Pselo Diálogo Timóteo ou Acerca dos Demónios: os caracteres do diálogo Timóteo e Trácio". De forma mais contrata, no referente à autoria, INQTX: Τοῦ αὐτοῦ Ψελλοῦ Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων· τὰ πρόσωπα Τιμόθεος καὶ Θροῦζ, "Do mesmo Pselo, Timóteo ou Acerca dos Demónios: os caracteres Timóteo e Trácio". Ligeiramente distinto, sem a adjetivação abonatória do autor, nem o

²² Vd. Westerink 1942.

²³ Cf. Giovannozzi 2000.

²⁴ Vd. Hamilton 1998.

²⁵ Cf. a corrente do séc. X bogomilismo (eslávico: 'Deus querido'), a partir de Bogomil (Bulgária, Pedro I e João de Rita), sucessivamente difundida pela Europa Ocidental. Ideologia contra Igreja e controle estatal antifeudal, representava conflitualidade para com o poder político, designadamente de Constantino V (séc. VIII) e Ivã Cimiskes (séc. X), o que explica a sua expulsão da Trácia e da Macedónia. Enquanto seita gnóstica, Arménia, séc VIII, defendia vida simples como no *Antigo Testamento* e Pais da Igreja, santos, ou Virgem Maria. Outra teoria dualista (Deus bom e Deus mau, respondendo questões da Igreja ortodoxa, quanto ao surgimento do mal e rebelião dos anjos) criticada por Pselo: os euquitas (*euchitae*).

²⁶ Vd. Hayton 2006. Cf., com as devidas reservas, e entendendo o cariz ficcional da obra, Pselo-personagem em Phillpotts, E. (1921). *Eudocia: a comedy royal*. London: Heinemann.

género da obra, D: Τοῦ Ψελλοῦ Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων· τὰ πρόσωπα Τιμόθεος καὶ Θραῖξ, "De Pselo, Timóteo ou Acerca dos Demónios: os caracteres Timóteo e Trácio". Sumariamente, sem título alternativo da obra, Y: Τοῦ αὐτοῦ Ψελλοῦ περὶ δαιμόνων, "Do mesmo Pselo, Sobre os demónios". Com o nome do autor à margem do título (J: "O Acerca da Atuação dos Demónios: Diálogo de Timóteo e Trácio também segundo Manes) da obra, J: Μιχαήλου τοῦ Ψελλοῦ, "de Miguel Pselo"; e sob o título (Τὸ περὶ ἐνεργείας δαιμόνων· διάλογος Τιμοθέου καὶ Θρακὸς καὶ κατὰ Μάνεντος, "O Acerca da Atuação dos Demónios: Diálogo de Timóteo e Trácio também segundo Manes"), a vermelho, por outra mão (F: {Μιχαήλου τοῦ Ψελλοῦ}, "{de Miguel Pselo}"). Embora sem nomear Pselo, B, com o título Τοῦ αὐτοῦ περὶ ἐνεργείας δαιμόνων διάλογος καὶ κατὰ Μάνεντος· τὰ τοῦ διαλόγου πρόσωπα Τιμόθεος καὶ Θραῖξ, "Do mesmo Sobre a Atuação dos Demónios e segundo Manes: os caracteres do diálogo de Timóteo e Trácio". Na realidade, o pronome αὐτός, 'o mesmo' possui como referente gramatical uma obra de Pselo no respetivo códice²⁷.

Constata-se redação distinta do texto, adulterado na matéria, ordenação de conteúdos, com omissões, acrescentos, expressão; sem identificação dos interlocutores, em *Laurentianus gr.* 87-20, séc. XIV, ff. 211-215v, preservado em *Monacensis gr.* 488, séc. XV, ff. 179-187, traduzida para latim por Marsílio Ficino (*Ex Michaele Psello de daemonibus*, "De Miguel Pselo Acerca dos Demónios"). Provavelmente este escrito modificado resumir-se-á tão só a um plágio a partir do original de Pselo²⁸.

Porém, a tradição vetusta de G (*Riccardianus gr.* 63), o mais antigo a transmitir juntamente com três outros opúsculos dialogados²⁹, ff. 11-21v, manifestamente alheios a Pselo, séc. XIII/princípio séc. XIV; Nicéforo Grégoras?) e E não sustentam a atribuição a Pselo e em H é anónimo. O nome do autor pode ser artificial e simplesmente seguir a maioria de outras obras do teor, retratando o pensamento demonológico bizantino³⁰, gnóstico e neoplatónico em contexto judaico-cristão (e.g. X, B), de modo diferenciado da tradição

²⁷ E.g. B: só obras de Pselo; Y ff. 37-38v: Ἐκ τοῦ Ψελλοῦ περὶ δαιμόνων.

²⁸ Cf. Gautier 1980: 126. Vd. *codex* dedicado a Lourenço de Médici: Τοῦ πανυπερτίμου καὶ σοφωτάτου κῆρ Μιχαήλ τοῦ Ψελλοῦ λόγος περὶ δαιμόνων, ἄσωματοῦσιν ἢ ἐν σώματι εἰσιν, ὡσαύτως καὶ περὶ ἀγγέλων, καὶ εἰ διαφορὰν ἔχουσι τὰ ἀγγελικὰ σώματα πρὸς τὰ δαιμόνια, "De Pselo, o maior que tudo e mais sábio, de início Miguel, do discurso de Pselo acerca dos demónios, estão incorpóreos ou em corpo, de igual modo também acerca dos anjos, se têm diferença quanto aos corpos face aos demónios", traduzido para latim por Marsílio Ficino (*Ex Michaele Psello de daemonibus*, "De Miguel Pselo Acerca dos Demónios").

²⁹ Vd. Gautier 1980: 178-194. Vd. ff. 11-14v: Περὶ τοῦ «τις Θεῶ τῆς κολάσεως ὁ σκοπός»; ff. 14v-19 - Εἰς τὸ ἀποστολικὸν ῥητόν · ἵνα ἢ ὁ Θεὸς πάντα ἐν πᾶσιν; ff. 19-21v - Ἐπίσκοπος ἢ περὶ ἐνεργείας (séc. XIII/princípio séc. XIV; Nicéforo Grégoras?). Quisá interpolações posteriores.

³⁰ Vd. Svoboda 1927; Delatte-Josserand 1934; Joannou 1971; de Matons 1976.

clássica, proveniente da Caldeia, através dos gregos, pela escola no séc. I. Ademais, a autoria atribuída tardiamente permanece contestada (Nicolau de Metone)³¹ e estudiosos como Bidez³² e Gautier³³ colocam a obra sob outro autor dos séculos XIII/XIV (período paleólogo: 1260-1453).

E até no concernente ao título grassam dissensões. De facto, um conjunto de manuscritos, quicá por configurarem noutras famílias e em ramos distintos do *stemma codicum*, apenas mantêm o *lemma* relativo ao opúsculo, que figura assim, anónimo. Se uns são sucintos, viz. A: Τιμόθεος ἢ περὶ δαιμόνων, "Timóteo ou Acerca dos Demónios"; L: Τὸ περὶ ἐνεργείας δαιμόνων · διάλογον Τιμοθέου καὶ Θρακός, "O Acerca da Atuação dos Demónios: Diálogo de Timóteo e Trácio"), outros denotam pequenas diferenças (e.g.: F, J, M, P, U³⁴, V: Τὸ περὶ ἐνεργείας δαιμόνων· διάλογος Τιμοθέου καὶ Θρακός καὶ κατὰ Μάνεντος, "O Acerca da Atuação dos Demónios: Diálogo de Timóteo e Trácio também segundo Manes"; O: 'O), ao passo que existem alargamentos notórios (e.g. E: Πόνημα σοφοῦ τινος ἀνδρὸς ἐν διαλογικῷ χαρακτῆρι περὶ τῆς τῶν Εὐχιτῶν, Μεσσαλιανῶν, διαλαμβάνον καὶ Βογομήλων καὶ τῆς τῶν δαιμονίων εἰς ἀνθρώπους ἐνεργείας καὶ πόσα ἤδη (= εἶδη) δαιμόνων, "Obra de um homem sábio, em impressão dialógica acerca da atuação dos Euquitas, dos Messalianos, tomando também dos Bogomilos e da dos demónios para a atuação dos homens e a quantidade de formas dos demónios"). G e R carecem de título.

Alguma da obra pselana³⁵ não foi publicada, conservando-se tão só manuscritos (neste caso, cf. c. 25). Trata-se a presente de um opúsculo segundo a *editio princeps*, bilingue (grego-latim - *latina Pselli interpretatio Petri Morelli*, [18/01/1573] 27/12/1576(7), *Sapientissimi Michaelis Pselli poetae et philosophi graeci Dialogus de Energeia seu Operations Daemonum*, Paris), data de 1615, por Gilberto Gaulmino, com colaboração de Nicolas de Verdun, provavelmente sobre o manuscrito *Paris. gr.* 1997 (F), dedicado a Jean de Saint-André, catedral de Paris: *Michaelou tou Psellou Peri energeias daimonon dialogos. Michaelis Pselli De operatione daemonum dialogus. Gilbertus Gaulminus Molinensis primum Graece edidit, & [notis illustravit]*, Lutetiae Parisiorum, Sumptibus Hieronymi Drouart. Em 1688, reimpressão em Kiel. Sobre *Paris. gr.* 1997 (F), *Paris. gr.* 1310 (A), *Paris. gr.* 1997 (B), *Paris. gr.* 2109 (C), *Paris. gr.* 2132 (D), J. F. Boissonade, *ΨΕΛΛΙΟΣ. Michael Psellus De Operatione Daemonum cum notis*

³¹ Cf. Gautier 1980. Sobre as dúvidas, vd. Svoboda 1927.

³² Cf. Bidez 1928.

³³ Cf. Gautier 1988.

³⁴ U - cf. f. 31, cólofon, J. Simeonachis indicando oferta de um *De operatione daemonum* anónimo a M. Lipomano, séc. XV.

³⁵ Cf. Schamp 1997; Moore 2005.

Gaulmini curante Jo. Fr. Boissanade, Norimbergae, apud Fr. Nap. Campe. 1838, edição adotada pela tradução a partir do grego antigo da obra neoplatônica de 1050 que ora se apresenta. Como outras publicações, destacam-se as de Amesterdão, 1964; J.-P. Migne, 1889, *Patrologia Graeca*, Paris, apud Garnier Fratres, Editores et J.-P. Migne Successores, 122, 817-876, sobre Boissonade. Seguiram-se versões em grego (*Peri Energeias Daimonon*) e em latim (*De Operatione Daemonum*), bem como traduções, algumas anteriores à *editio princeps*, conforme hábito renascentista. Por conseguinte, versão italiana, anônimo, meados séc. XVI: *Operetta di Michèle Psellos, quale tratta délia natura de demonj e spiriti folletti*, Venetia 1545, in-8°. Versão francesa, incluindo outras obras de autor alheio, por Pierre Moreau Touranio. Versão latina integral, Pierre Moreau (Morellus): *Sapientiss. Michaelis Pselli poetae, et philosophi graeci Dialogus de Energia, seu Operatione daemonum è Graeco translatus. Gaulmin l'inséra dans son édition de 1615 en regard du texte grec*, Paris, apud Guillaume Chaudière, 1577. Versão latina parcial (paráfrase), Marsílio Ficino, sobre *Laurentianus gr.* 87-20, séc. XIV: *Ex Michèle Psello de daemonibus*, Veneza 1497 [1516, in aedibus Aldi et Andreae; Paris 1541 (*Opera*, II: 880-885); Bâle, 1561]³⁶. Mais modernas, versões inglesa, M. Collisson, *Psellus* Dialogue on the Operation of daemons*, Sydney 1843; francesa, E. Renauld, *Péri énergeias daimonôn de Michel Psellos*, REG 33: 56-95, 1920.

4. Estrutura

A obra em apreço configura um pequeno tratado em forma de diálogo³⁷, à maneira platônica (*instar Platonis*), com exposição dinâmica de conteúdo teológico. Não dividido em capítulos³⁸, apresenta-se em linguagem corrida, escorreita, com traços de coloquialidade³⁹,

³⁶ Cf. em 1549, *Iamblichus de mysteriis Aegyptiorum, Chaldaeorum, Assyriorum: Proclus in Platonicum Alcibiadem de anima, atque daemone ; Idem de sacrificio et magia. Porphyrius de divinis atque daemonibus. Psellus de daemonibus. Mercurii Trismegisti Pimander*. Apud J. Tornaesium.

³⁷ Vd. Cameron–Gaul 2017.

³⁸ Cf. porém divisão em 24 capítulos, com súmulas em forma de títulos: *Traité par Dialogue de L' énergie ou opération des diables, traduit en François, du Grec de Michel Psellus poète et Philosophe, précepteur de l' Empereur Michel susnommé Parapinacien, où Affamé environ l' an de grace, 1050. Avec les chapitres XXXIII et XXXVI du quatriemes livre du Trésor de la foy catholique du vénérable Nicéas de Colosses en Asie, esquels sont deduits et confutez les principaux articles des Hérétiques, Manichéens, Euchites ou Enthusiastes*, Paris, chez Guillaume Chaudière, 18 de janeiro 1573. A versão de Migne 1889 (com lição de Gaulmino 1615): 818-876 comporta 24 secções (*capita*), com títulos em latim a dividir a edição da obra em duas colunas, uma com o original grego, à direita; à esquerda, a versão latina. Primeira secção consignada aos euquitas (cap. 1-4), com teoria próxima de Ptolomeu. Assim, para os euquitas, uma trilogia: pai com o submundo; filho, com coisas celestiais; filho com o nosso mundo. Ptolomeu: Deus supremo; Diabo; Demiurgo, criador do cosmos. Vd., de forma congruente, a alusão, no diálogo, a heresias em voga, designadamente euquitas e entusiastas, cujo conhecimento é tão proveitoso como o de drogas por médicos (1); heresia dos euquitas similar à dos maniqueus, embora estes dualistas e aqueles assumam três princípios (2); euquitas e Satanael, filho de Deus (3); cerimónias e costumes dos euquitas (4); sacrifício místico dos euquitas (5); heresias - movimentos antiCristo, instigadores de vícios e maldades (6);

uma elegante exposição medieval em grego antigo inscrito num período judaico-cristão, o que exige uma adaptação linguística, em conformidade (e.g. θεός, 'Deus')⁴⁰.

A temática parece comportar algum incômodo para o autor, julgando a manifesta e reiterada hesitação e transformação do conhecimento da matéria em causa numa questão de utilidade, porventura para retirar a suposição de algum gosto herético da sua abordagem⁴¹, recorrendo a uma imagem utilizada na obra, *mutatis mutandis*, 'qual médico face à proficiência do saber de drogas letais'.

E de facto o autor manifesta alguma preocupação didática que aligeira o tom do conteúdo, trajando-o de suposta casualidade escutada, a título de amizade, com a integração de histórias, bem como a ilustração com recurso a autores e figuras de uma conhecida tradição mitológica clássica⁴². Assim, afigurações ilustrativas (e.g. pai e dois filhos; triângulos⁴³ escaleno; equilátero, isósceles), várias comparações (e.g. fonte fedorenta, levados como bois pelos focinhos, cãezinhos, orador. espírito caroneio, corvo, nuvens, leão, pantera, porco selvagem, fole; cãozinho que ladra, anjos de Deus, fogo, farol a brilhar no mar numa noite sem luar, bandeira real num pequeno recinto, animais) e, extensivamente, símiles (e.g. médicos), epítetos.

Mistura-se, dessa forma, o paganismo da Antiguidade com o cristão a serviço de uma mais acessível exposição deste último vetor. Porém, parece existir uma ordenação das

diabos e anjos são somáticos (7); diferença entre corpo de diabo e de anjo; entre anjo e sol (8); diabos sujeitos a paixões, afetos, esperma, alimentação (9); ar, terra, água, todo o mundo cheio de demónios (10); adaptação dos três tipos de triângulos: o isósceles aos humanos, escaleno aos demónios. Seis principais espécies de demónios (11); tentações dos demónios para os homens (12); diabos subterrâneos e as feras, os piores demónios (13); médicos e possuídos por demónios: sintomas (14); cura. O caso de Elason em Constantinopla (15); o episódio do arménio e o diabo em forma de mulher (16); três questões: se os demónios são masculinos ou femininos, se falam todas as línguas, se podem ferir-se (17); demónios surgem com diferentes formas e cores (18); razão de demónios surgirem sobretudo em forma de mulher. Náíades, Nereídes, Driádes, Onoscelos (19); linguagens dos demónios consoante as regiões onde habitam. Invocações caldaicas, egípcias (20); medos dos demónios; a Palavra de Deus (21); diferentes adoradores de demónios (22); como tocar e ferir demónios; qual a diferença entre o corpo demoníaco e o sólido (23); capacidade de prognose dos demónios (24).

³⁹ Cf. algumas interjeições dispersas, e.g. Trácio: φεῦ; ἰὸν ἰὸν. Timóteo: βαβαί.

⁴⁰ Cf. grego comum/*koine* (Ἑλληνιστικὴ Κοινὴ)/dialeto alexandrino (após conquistas de Alexandre Magno, séc. IV a.C.)/grego bíblico, relativo aos períodos helenístico e bizantino usado também no *Novo Testamento* (*Septuaginta*, séc. III a.C.). Vd. grego medieval/bizantino - final antiguidade clássica, séc. V/VI - final Idade Média, c. 1453, queda de Constantinopla.

⁴¹ Cf., aliás, a necessidade de Pselo, em 1053, reafirmar a sua ortodoxia, em virtude de um ensino livre/liberdade académica, afastado da tendência tecnocrática e de utilitarismo gnosiológico de filosofia de matriz pagã e neoplatónica que assegurou na Universidade de Constantinopla (1042-1055). Prefigurava-se assim uma perigosa conexão entre ensino e religiosidade/fé. A tentativa de procurar reformular o ensino cedeu aquando da manifesta debilidade do imperador Constantino Monómaco, corria o outono de 1054, dando lugar ao Patriarca Miguel Cerulário (1043-1058), facto que conluz ao exílio voluntário de Pselo para o mosteiro do Monte Olimpo (Bitínia) até regressar a Constantinopla, em 1055: Cf. também reclusão prévia no Mosteiro de Narses. Vd. Garzya 1967; Tatakēs 2003; Too-Livingstone 2007.

⁴² Cf. a inclusão da alegoria, em interpretações mitológicas.

⁴³ Vd. Xenocr. Cf. Plu. *De deff. Orac.* 13, 416d; Procl. *In R* 2, p.48, 4.

figuras e aspetos pagãos referenciados. Por um lado, a mitologia clássica helénica, vetor mundano (ἐγκόσμιος), é instrumentalizada como veículo facilitador da apreensão, supondo-se vulgarizada e ainda reconhecida na generalidade. Aliás, cultiva-se então em Bizâncio uma imitação/recuperação da tradição e ideal helénico (cf. renascimento macedónio/1º renascimento bizantino). Eis pois citações, máximas/expressões (e.g. descrição de Alcino[o]; asno de Cumas, repugnância de Arquíloco, necessidade lacónica)⁴⁴, vetores culturais (e.g. tragédia grega, mistérios de Diónisos⁴⁵), objetos (e.g. capacete de Hades), figuras⁴⁶ (e.g. Tântalo, Pélops, Cronos e filho, Tiestes e filho, Édipo e mãe, Cíneas e filha, Náíades, Nereídes, Dríades) e autores manifestamente considerados ilustres e paradigmáticos (e.g. 'o poeta' - Homero⁴⁷, Simónides, Antígono). De avaliação similar, povos hiperbóreos da Líbia e de Sirte, celtas, povos junto à Bretanha, sem lei e selvagens. No reverso, inferior a qualquer rito jamais tentado por gregos ou bárbaros, o paganismo contemporâneo de heresias⁴⁸ (ἄσεβης ἄνδρες, 'homens profanos', no dizer da personagem Trácio, ou θεομάχοι ἄνδρας καὶ ἄτοποι, 'homens ímpios e repulsivos', segundo Timóteo-personagem) como as instigadas por Manes, euquitas, entusiastas, messalianos, bogomilos e até gnósticos.

A linguagem decorre de forma coadunada face às heresias, em tom exprobratório, crítico, adjectivação de pendor negativo. No polo oposto, o cristianismo é enaltecido, facultam-se nomes e passagens bíblicas e religiosas (e.g. Padres da Igreja, Escrituras

⁴⁴ Vd. Carey 1986; Correa 2017.

⁴⁵ Apollod. 1.3.2 atribui a Orfeu a criação dos controversos mistérios de Diónisos, divindade aliás polémica (cf. Penteu, Licurgo, Icário). De facto, a tradição recorda os Titãs, fulminados por Zeus, em virtude de haverem feito um uso nefasto da liberdade (Pl. *Lg.*701b), tendo enganado, matado, delapidado e degustado, quiçá por influência da ciumenta Hera, alguma da carne do corpo de Zagreu (Diónisos), enquanto este se divertia a brincar (*OF* 320.11 B). Recolhidos os membros do deus por Apolo e o coração por Atena, renasce assim, pela terceira vez, Diónisos, apesar de ascendência divina, o único deus do panteão filho de uma mortal - Selene: primeiramente enquanto Fanes, diversas vezes chamado Diónisos ('o nascido duas vezes'); depois enquanto Zagreu e, por fim, enquanto Diónisos. Cf. *OF* 463: βίος, θάνατος, βίος | ἀλήθεια | Διό(ν)ισος, "Vida, morte, vida | verdade | Diónisos [renascido.]". Considere-se posteriormente despedaçado pelas Ménades, a julgar pelo escrito de Apolodoro (*Bibl.* 1.3.2), e a consideração pejorativa dos ritos dionisiacos (séc. II/III, Clem. Al. *Protr.* 5.17.2: Τὰ γὰρ Διονύσου μυστήρια τέλεον ἀπάνθρωπα, "Os mistérios de Diónisos são absolutamente desumanos". Cf. outrossim as representações teatrais no âmbito do culto dionisiaco. Vd. Heinrichs 2012.

⁴⁶ Importa constatar que, entre os exemplos mitológicos aludidos para ilustrar relacionamentos incestuosos, não se menciona o cariz vcomoergonhoso que também constituíam para os elementos envolvidos, que não prosseguiram os contactos após a *anagnorisis*; nem tampouco o que os condicionou; o diferente voluntarismo dos parceiros; nem os castigos decorrentes. Além do mais, no tocante aos episódios, não se constata uma análise minimamente esclarecedora de figuras, situações e motivações em nada similares, o que, por um lado, traduz uma visão instrumentalista e tendenciosa da matéria ao serviço da finalidade pretendida; e, por outro, pressupõe um conhecimento generalizado da mitologia grega por parte do público destinatário.

⁴⁷ Vd. Bassett 1919; Buffière 1956.

⁴⁸ Cf. sempre o dogma de cada uma, nunca exposta como ἄρεσις, 'heresia', princípios que não seria conveniente mencionar enquanto tal.

Sagradas, profeta David, divino Paulo, Isaías, divino Basílio). Ademais, as figuras que protagonizam o opúsculo, refletindo o autor, posicionam-se nesta secção através da utilização repetida do pronome 'nós'⁴⁹, no tocante à religião, englobando supostamente também os leitores/destinatários, por oposição a 'eles' / 'os outros', delimitando um espaço face 'aos de fora' / 'pagãos'.

Tudo é manifesto de forma dinâmica através de um diálogo presencial entre duas figuras, tratadas por vocativos diferenciados⁵⁰, com predominância distinta: Timóteo, indagador, representando as dúvidas do leitor; Trácio⁵¹, no controle do conhecimento que divulga com maior área de controle (estrutura, ordenação e duração) e extensão, como indivíduo em nome de uma generalidade (de cristãos). Além disso, não no momento, mas no espaço da memória de um contacto anterior com Timóteo, um terceiro elemento no diálogo, em discurso indireto livre - Marco, um douto cristão (re)convertido. Encena-se a elucidação de uma curiosidade natural num encontro fortuito ao ar livre entre os amigos Trácio e Timóteo, reiterada em várias ocasiões da conversa, que clarifica a situação religiosa numa zona representativa exterior à atual (ἔκδημος: Bizâncio), a partir da alegada experiência de Trácio dois anos antes nessa região. Por seu turno, Trácio limita-se a desvelar, com parcimónia, o assunto que não esgota e remete apressadamente, por força do acaso meteorológico, para futuros ensaios, desde logo ligando o presente escrito literário à produção futura do autor. E se Trácio apresenta 'vergonha' em discorrer sobre o assunto - claro subterfúgio retórico⁵² -, na realidade funciona como uma máscara literária de um autor manifestamente cauteloso face à época e ao seu contexto social, assumindo um pseudónimo que na secção inicial retira dúvidas que pudessem colocar-se quanto à sua religiosidade, figura outrossim a vontade de erradicar eventuais acusações de expor aspetos relativos a heresias e demarca-se de ter sido atingido por qualquer efeito demoníaco (viz. aparições). Com efeito, Trácio apenas dá voz, por reminiscência, a um indivíduo que volve, com comoção, ao cristianismo por sua influência - um monge da Mesopotâmia significativamente com nome de um profeta do *Novo Testamento*, Marco(s). Desvincula-se assim qualquer ligação direta com a heresia, porém credibiliza-se a informação descrita.

De modo a completar a descrição de factos e (ou) a ilustrar situações, integram-se

⁴⁹ Não obstante, no geral, igualmente primeira e segunda pessoas do singular.

⁵⁰ E.g. ὁ Θράξ, "ó Trácio"; ὁ Τιμόθεε, "ó Timóteo", a que Trácio acrescenta para o seu interlocutor φίλε Τιμόθεε, "amigo Timóteo"; ὁ ἑταῖρε, "ó companheiro"; φίλ' ἑταῖρε, "amigo companheiro"; ὁ λῶστε, "muito agradável"; ὁ βέλτιστε, "ó nobre"; φίλτατε ἄνδρων, "mais amigo dos homens"; ὁ γενναῖε, "ó nobre" - também a partir de Marco para Timóteo.

⁵¹ Entenda-se designadamente enquanto patronímico, i.e., 'originário da Trácia'.

⁵² Vd. Karathanasis 1936.

histórias, algumas narradas, outras até 'dramatizadas' em discurso indireto livre, como a previsão do avô paterno de Timóteo quanto a um futuro pior do que animais selvagens para os homens; o sucedido entre os toscanos, em Itália; o encontro de Timóteo com o monge Marco(s) junto à península que faz fronteira com a Grécia; o acontecido ao homem coríntio, ordenado por Paulo; profecia do homem possuído, em Elason; previsões do vagabundo líbio; história com o irmão mais velho de Timóteo, que vivia com uma mulher doente; o homem arménio. Trácio refere bem assim santos Evangelhos e o quanto é contido nos escritos dos Padres a respeito de muitas e admiráveis coisas dos demónios.

5. Observações respeitantes ao conteúdo demonológico

A discussão das características e capacidades dos demónios, o mesmo equivale a dizer figuras sublunares entre o céu e a terra (*intermundi*? Vd. epicurismo, Lucrecio), acarreta a observação de vários aspetos culturais desenvolvidos, aludidos ou tão só sugeridos no opúsculo. Assim, num contexto social marcado pela implementação de um paradigma judaico-cristão, consideram-se, desde logo, algumas bases neoplatónicas, designadamente, a aceitação do dualismo ontológico. E partindo de um dualidade platónica que diferencia corpo de espírito, perscruta-se a especificação de noções designadamente de 'deus' e 'demónio'⁵³, que 'divide os destinos' (cf. δαίω, 'dividir'), donde a relação com μοῖρα 'destino, parte de cada um'⁵⁴, colocada no âmbito do monoteísmo do credo judaico - cristão. Consta-se pois a associação do termo δαιμόνιον, 'demónio', para 'ídolo', 'aparição' (não o adjetivo διάβολος, distintos no *Antigo Testamento* e *Novo Testamento*⁵⁵, em hebraico 'inimigo' (tsar, Satã), recorrente em *Septuaginta*⁵⁶, nos Pais da Igreja⁵⁷, no sentido de possessão maléfica, causador de afeções malignas, entre, uma conotação pejorativa⁵⁸ extra classicismo;

⁵³ Cf. Timotin 2012.

⁵⁴ Cf. raiz do indo-europeu *da-, em δαίμων. Força da natureza, reverência de uma raça, após a morte, de guardiões/protetores dado pela divindade - θεός - a cada um dos mortais espíritos na terra, ao nascer, quais *dii genitales romanos* - cf. Pl. *O.* 8.16, 13.101, *P.*4.167. Vd. Pl. *Ti.* 90a; Pl. *Smp.*, 'anjo da guarda' individual de cada homem (cf. lat. *geniūs*), o 'sinal' τὸ σημεῖον que alerta, Pl. *Ap.* 41d. Cf. 40b, 'sinal de deus', τὸ τοῦ θεοῦ σημεῖον. Heraclito pondera o carácter de cada homem como o demónio/destino (Ἦθος ἀνθρώπων δαίμων).

⁵⁵ Cf. sentido negativo (τὰ πνεύματα τὰ πονηρὰ, 'espíritos oprimidos'), na generalidade dos Gospels no *Novo Testamento*, enquanto patologia anti Deus (e.g. *Rev.* 16:14), face a um Deus que reconhecem e temem (e.g. *Mt.* 8:29; *Lc.* 4:41. Cf. Satã, *Mt.* 12:24-29, *Lc.* 13:16). Donde por vezes assombrações, *Mt.* 8: 28.

⁵⁶ Cf. *Dt.* 32:17; *1Co.* 8:5; *Is.* 13:21, 34:14, 65:11.

⁵⁷ E.g. João Damasceno, *Expositio Fidei* 2.4: demónios enquanto resultantes do relacionamento de anjos com mulheres (S. Justino [mártir], *Apologia* 2.5); almas de gigantes mortos (Ps. Clem. *Hom.* 8.18).

⁵⁸ Cf, na Antiguidade Grega, *ἡρώες* ('deusas da morte'), *daimones* (no caso *moirai*) que tecem o destino dos mortais Cloto, Láquesis, Atropos. Vd. Hes. *Th.* 217 e entre os males que libertaram da caixa de Pandora, *Op.* 92. Cf. *Novo Testamento*, séc. II. Vd. distinção clássica entre bons (ἀγαθοδαίμων - ἀγαθός, 'bom'; εὐδαίμων - εὐ, 'bem'). Atentem-se também, neste sentido, heróis, espíritos de bons homens, primeiro demónios após a morte, depois deificados - Pl. *Cra.*; Plu. *De Defect. Orac.*, o que aproxima anjos e demónios, Ph. *De Gigantibus*, *De*

bem como a sua adoração numa exposição crítica de movimentos além do cristianismo. Detestam Deus, os homens e "são piores do que o mal" (πλὴν εἶναι καὶ κακοῦ, φασι, κάκιον), a crer em Trácio-personagem, mediante a sua fonte Marco. Totalmente desprezíveis, promovem o culto pelos hereges através de atos antinaturais (designadamente, relações incestuosas, sacrifícios com recurso a incisão, sangue, fogo, antropofagia - viz. infanticídios⁵⁹).

Mais ainda, não se quedando pelo binómio corpo/alma (σῶμα/ψυχή), Pselo segue ainda a distinção espírito/alma⁶⁰, ao contemplar a ontologia do demónio como de corpo de πνεῦμα (Porph. *Abst* 2.39, *Gaur.* 6.1), 'espírito, sopro de fogo e ar' (sede de sentidos, coração - consciência, percepção, imaginação, medo, desejos), identificado no pensamento estoico e neoplatónico enquanto corpo/veículo (ὄχημα. Cf. Procl. *in Ti.* 311a) da alma. Com efeito, importa distinguir, à maneira de August. (*C.D.* 10.9; 32), entre πνευματικὴ ψυχή: *Syn.* 4.1292b, 5.1292d / *anima spiritualis* e *anima intellectualis*.

Por seu turno, a análise da forma conduz ao assunto da metamorfose⁶¹, associando-se a *topoi* de imortalidade⁶² (cf. Pl. *Ti.* 90c) e veneração por parte da raça efémera dos mortais

Somm. - anjos para Moisés, filósofos segundo os filósofos) e maus/impuros (πονηρὰ, ἀκάθαρτα Vd. *Mt* 10:1, 12:45), de nefasta influência (κακοδαίμων. Vd. κακός. Cf. Zaleuco *Apud Stobaeum Serm.* 42; opiniões tardias, Plu. *Dion.*, D.L. *Vit. Pythag.*). Em termos de espaço, estes último s na escuridão, abismo, regiões ctónicas. Vd. Harrison 1900.

⁵⁹ Ao terceiro dia no tempo da Paixão, não um renascimento como no cristianismo, mas a morte de neonatos de uniões incestuosas (com filhas e irmãs).

⁶⁰ Vd. Goodwin 1881.

⁶¹ O conceito de metamorfose inscreve-se na normal mudança que se *atesta* na vida, com os naturais processos de transformação, entre o nascimento > crescimento > degeneração > morte, transformando a alteração temporal na intemporalidade, quando se trata de metamorfoses permanentes. Embora já utilizado na épica dita homérica (e.g. *Od.* 10. 198-250 -, ainda que apelidada de θέλις, 'encantamento', resultante da preparação e administração de φάρμακα λυγρὰ, "poções perniciosas", no caso por Circe), o *topos* da metamorfose chega a afigurar-se como um motivo recorrente no Período Helenístico. A matéria, ainda que de proveito clássico, adquire um especial fulgor quando entendida metaforicamente no panorama judaico-cristão, após o episódio da morte e ressurreição de Cristo (cf. a transmigração da alma, no âmbito do Pitagorismo e do Platonismo. Sobre a problemática inerente à admissão de um paradigma judaico e cristão face a uma Antiguidade pagã tardia, vd. Dodds 1965.

⁶² Considerando uma matriz órfica e princípios dualistas, donde a imortalidade da alma (Pl. *Men.* 81b: φασι γὰρ τὴν ψυχὴν τοῦ ἀνθρώπου εἶναι ἀθάνατον, καὶ τοτὲ μὲν τελευτᾶν—ὃ δὴ ἀποθνήσκειν καλοῦσι—τοτὲ δὲ πάλιν γίνεσθαι, ἀπόλλυσθαι δ' οὐδέποτε. "Dizem que a alma do homem é imortal e que, numa dada altura, chega ao seu fim, o que é chamado de morte, e noutra nasce novamente, mas nunca morre."), a realidade tradicionalmente apelidada de 'morte' pode entender-se como uma mudança de espaço e condição (qual 'metamorfose'), como uma utopia da vida, rumo a uma etapa de libertação, verdade (ἀλήθεια. Cf. Pl. *Phaed.* 65b), felicidade (εὐδαιμονία), uma vez ultrapassada a fase marcada por simulacro, dolo, contingência (cf. Heracli. fr. B 62) e aprendizagem a partir de múltiplos sofrimentos advinentes da τύχη (cf. πάθει μάθος, A. *Ag.* 177, 928-929; S. *OT* 1528-1530). E perante essa formulação, eis afirmações correntes no séc. V a.C., em autores como Pl. *Grg.* 493a: καὶ ἡμεῖς τῶι ὄντι ἴσως τέθναμεν ἤδη γὰρ του ἔγωγε καὶ ἤκουσα τῶν σοφῶν ὡς νῦν ἡμεῖς τέθναμεν καὶ τὸ μὲν σῶμά ἐστιν ἡμῶν σῆμα. "E na realidade, pode ser que estejamos mortos. De facto, ouvi um dos nossos sábios dizer que agora estamos mortos e o corpo é o nosso túmulo."; E. fr. 638 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ τὸ ζῆν μὲν ἐστὶ κατθανεῖν, | τὸ κατθανεῖν δὲ ζῆν κάτω νομίζεται, "Quem pode dizer se 'vida' é realmente 'morte', ou se 'morte' é, na realidade, 'vida'?"; fr. 833 Kannicht: τίς δ' οἶδεν εἰ ζῆν τοῦθ' ὃ

Assim parece ser com os chamados δαίμονες ἄγνοι, 'espíritos puros', após o fim da *Idade de Ouro*⁶³, Hes. *Op.* 121-126; espíritos, entenda-se a sabedoria (φρονήσεως, Pl. *Smp.* 398c. No panorama judaico-cristão, vd. *Mt* 1:24; *Lm* 4:34) de natureza espiritual inerente a bons homens em vida e em morte, mas no caso, após a morte física (Pl. *Smp.* 203). E não obstante, o diálogo de Pselo informa que a instrução não evita os efeitos/patologia demoníacos.

Outrossim, no âmago da apresentação, a propósito das visões sobrenaturais dos iniciados em mistérios, segredos, sacrifícios místicos, promessas demoníacas vãs nessas heresias, coloca-se desde logo a exposição dos binômios cristianismo, verdade / heresias, mentira, falsidade, expondo-se a problemática demonológica no âmbito dos conhecimentos solicitados por Timóteo (viz. dogmas, costumes, leis, obras, discurso, estilo) sobre as heresias contemporâneas, a partir da expressão bíblica 'doutrinas dos demónios' (*Tm.* 4:1), contemplando necessariamente características dos demónios (e.g. tipos, aspetos, ações, possessão demoníaca). Em suma, distinguem-se pela irracionalidade, falsidade e conseqüentemente capacidade de prognose figurativa (fraca, quase sempre errada). Tema popular, conectado com magia, teurgia e outros *topoi* do ocultismo no período bizantino, mas também entre as culturas da Antiguidade, egípcios, caldeus.

Epilogando, na generalidade, a temática demonológica - abordagem de entidades sobrenaturais (πνεύματα, 'espíritos') distintas dos deuses (θεοί) - não é pois inovadora, tampouco para Pselo, que alegadamente retrata o assunto num opúsculo, no caso mormente centrado na opinião dos gregos, em 8 secções (1- demónios: tipos, formas, possessão, prognose; 2 - sacrifícios e rituais de celebração de cariz dionisiaco a Bacantes e Díónisos; mistérios de Elêusis; 4 - funcionalidades da feitiçaria; 5 - magia; 6 - invocação de demónios; 7 - prognose dos demónios: meios, destacando-se a lecanomania; 8 - pacto/convenção dos caldeus): Michael Psellus, Τίνα περὶ δαιμόνων δοξάζουσιν Ἕλληνες,

κέκληται θανεῖν, | τὸ ζῆν δὲ θνήσκειν ἐστὶ; "Quem sabe se aquilo a que se chama vida é morte, ou se, no mundo ctónico, a morte é vida?", donde o retomar regenerado do ciclo existencial (cf. *OF* 463). Vd. Jaeger 1959.

⁶³ Vd. literatura adscrita a Homero, para uso indistinto do sobrenatural de θεοί e δαίμονες (cf. *Il* 17.98, 99, 104. Cf. Arist. *Rh.* 2.23: δαιόνιον, 'Divindade, Providência'), este último termo relacionado com conhecimento, δαήμων (Pl. *Crat.* 1.398, Sócrates-personagem, citando Hes. *Op.* 122-126, acerca dos homens da *Idade do Ouro* enquanto guardiões dos mortais. Assim, οἱ δαίμονες correspondem à parte espiritual de homens bons e sapientes vivos ou mortos. Cf. Eus. *PE* 4:5: δειμαίνω, 'estar aterrorizado'). Aliás, Diótima refere a Sócrates-personagem (Pl. *Smp.* 202-de) Eros como δαίμων μέγας, "grande demónio", veículo de comunicação entre duas esferas apartadas, qual διάλεκτος, 'discurso' (Pl. *Smp.* 203a): homens e deuses. Vd., no panorama romano, Liv. 8.20: *minores diis et maiores hominibus*, "deuses menores e homens maiores". Cf. epicurismo, *intermundia*.

"Coisas acerca dos demónios que os Helenos opinam". Cf. D - Barberinianus gr. 88, séc. XV, ff. 1v-4v, sob o título: *Quaenam sunt opiniones Graecorum de daemonibus* Primeira edição por Boissonade, como apêndice de *Timóteo*. Por norma atribuído ao mesmo autor. J. F. Boissonade (1838), Ψελλός. *Michael Psellus De operatione daemonum cum notis Gaulmini. Accedunt inedita opuscula Pselli*, Nuremberg. Para mais, um escrito deveras parco, de poucas linhas, a respeito dos demónios, responde pelo título Περί δαιμόνων, posição 45 em Dominique J. O'Meara (1989). *Michaelis Pselli Philosophica Minora. II. Opuscula psychologica, theologica, daemonologica*. Leipzig, Teubner: 158-159. Transmitido nos manuscritos *Codex Atheniensis, Bibliotheca Nationalis* 478 (Sakkelion 95) chart. saec. XIV: 297-298, *Vaticanus Graecus* 2220, bombyc. s. 1304-1305 scriptus, anuncia num índice no f.1r, na posição κγ (23), o escrito em f. 37rv. Outrora também em *Taurinensis Bibl. Nat.* 331 (Pasini I 412-415) chart. saec. XVI f. 5r (queimado, ano 1094). *Editio princeps* de P. Gautier 1981, *T&MBYZ* 8. Com outro título em minúsculas, com inicial a vermelho, em *Vaticanus Graecus* 2220, a saber: Περί τοῦ πῶς λέγονται προγινώσκειν οἱ δαίμονες καὶ διατί προλέγουσιν, *Quomodo dicantur daemones futura scire et quare ea praenuntiant*, "De que modo dizem que os demónios sabem das coisas futuras e porque as preveem". Texto introduzido com inicial capitulada a vermelho⁶⁴. Parte da prognose verdadeira ou falsa ou ambivalente dos demónios. Deles pressupõe, como em *Timóteo*, existirem vários tipos, com diferentes graus de elevação, das profundezas ctónicas, da materialidade terrena, às alturas do céu, daí dependendo a exatidão da prognose.

+

⁶⁴ Vd. Gautier 1977, 1981; Duffy–O'Meara 1989: 158-9; Buzzetta–Napoli 2017.

6. Tradução

Timóteo

ou

Sobre a Atuação dos Demónios

TIMÓTEO — Há muito tempo, Trácio, que te encontraste em Bizâncio?

TRÁCIO — Há muito tempo, Timóteo. Dois anos talvez, ou mais: estive no exterior.

TIMÓTEO — Mas onde, porquê, e tendo que negócios, havendo despendido tanto tempo?

TRÁCIO — O que perguntas demoraria muito para emitir uma resposta. Com efeito, é preciso conjugar a descrição de Alcino⁶⁵, se devo dizer o quanto sucedeu e o que suportei, enquanto misturado com homens ímpios. Os que muitos chamam euquitas⁶⁶ e entusiastas⁶⁷. Não aconteceu teres ouvido também aí algo acerca deles?

TIMÓTEO — Sei, no meio, de alguns homens deveras ímpios e repulsivos, a corromper, entre nós, a impressão sagrada, a falar em estilo de comédia⁶⁸! Mas quanto aos seus dogmas, costumes, leis, obras e discurso, eu ainda não consegui aprender nada sobre eles. E necessito que tu digas muito explicitamente o que saibas, se quiseres algo para agradar a um homem conhecido, direi até a um amigo.

TRÁCIO — Deixa, amigo Timóteo. De facto, necessariamente dar-me-á volta ao cérebro contar dogmas estranhos e trabalhos demoníacos⁶⁹, e não retirarás nenhuma vantagem a partir disso. Ora, se, conforme Simónides⁷⁰, a palavra é o reflexo dos atos, de modo que aquela [que trata] de coisas benéficas é de serventia, e a que não é dessas não é boa, que utilidade te traria, delineando as palavras enfeitadas?

⁶⁵ Entenda-se 'descrição de Alcino' equivalente a discurso longo (cf. *Pl. R.* 614b; *Arist. Po.* 1455a; *Rb.* 1417a), a partir do episódio odisséico (cf. *Od.* 8.521 sq.) com início aquando da conturbada receção de Ulisses, levado até ao palácio dos Feaces, na Esquéria (Feácia), pela filha do rei Alcínoo, Nausícaa. Ora, o soberano, chamado à razão por Equeneu (*Od.* 7.159-160), acedendo agir em conformidade com a adequada prática de receção de hóspedes e suplicantes, observando Zeus *Xenios*, proporciona banho, vestuário, alimentação e convívio ao estranho. Perante os versos cantados pelo bardo (Demódoco), a propósito de eventos troianos, a emoção das lembranças do incógnito Ulisses justificam a indagação de Alcínoo, donde um longo esclarecimento algo fantasioso das aventuras com os latófagos, lestrígonos e ciclopes (*Od.* 9-12), que em essência ocuparia poucos versos (*Arist. Rb.* 1417a. Cf. *Od.* 23.264-284, 310-343. Vd. Tümpel 1893.

⁶⁶ Inicialmente uma seita cristã da Mesopotâmia, euquitas, εὐχίτης (de 'messalino', síriaco: 'aquele que reza'), consideram-se uma heresia (ano 363). Vd. Efrém, o Sírio, *Contra as Heresias* 22.4.

⁶⁷ vd. ἐνθοῦς). Cf. Bidez 1928: 126, n. 22-23 refere tratar-se de designação distinta para 'bugomilos' Tendência para confundir heresias, designadamente, masalianos, euquitas, lampetianos, bugomilos.

⁶⁸ Cf. *Ar. Pl.* 862.

⁶⁹ Entenda-se 'divinos'.

⁷⁰ Cf. atribuição do *dictum* λόγος ἔργου σκιή, "palavra, sombra do trabalho" (vd. *D.L.* 9.7.37).

TIMÓTEO — Muito, Trácio! Se não é inútil para os médicos saberem de drogas letais, de forma a ninguém correr o risco de ser afetado por elas! De facto, permito-me também afirmar que algumas delas não são inúteis para a saúde. Então, teremos um de dois: com efeito, ou tomaremos o mais proveitoso da reflexão ou estaremos atentos se houver algo prejudicial nisso.

TRÁCIO — Bem. Ouvirás, segundo o poeta⁷¹, verdades,⁷² certamente, porém não muito agradáveis. E se o discurso faz menção de coisas inconvenientes, não te zangues! Peço, apropriadamente, em relação a mim, que as relato, mas com os que as praticam.

Esta abominável doutrina tem origem no furioso Manes⁷³. Com efeito, daí, fluíram para eles as múltiplas origens, como de uma fonte fedorenta. Mas tendo o maldito Manes colocado dois princípios sob os seres, de modo ultrajante opondo a Deus um deus; ao criador de tudo o que é bom um artesão do mal; ao bom comandante dos céus o comandante da maldade dos terrestres; e um outro terceiro princípio foi também adicionado por esses maléficis euquitas. Na realidade, um pai⁷⁴ com os seus dois filhos são os princípios: o mais velho e um mais novo, pertencendo ao pai, apenas o que está acima do mundo; atribuíram ao mais novo dos filhos os céus, e ao outro mais velho o poder de tudo o que é mundano, que em nada difere da mitologia helênica, segundo o [versículo] "Tudo se divide em três partes"⁷⁵.

Colocando os de mentes insanas este fundamento insano, até mesmo relativamente a

⁷¹ Homero.

⁷² Cf. S. *Ph.* 1290: εἰ λέγεις ἐτήτυμα, "se dizes a verdade".

⁷³ Heresiarca. Manes (Mani, Maniqueu), o 'último profeta', Babilónia - Seleucia, Ctesifonte, 216-274, fundador de maniqueísmo, religião de influência gnóstica (vd. gnosticismo, séc. I, valorizando conhecimento espiritual acima de ensinamentos ortodoxos), abnegação, educação, castidade, com vista à salvação.

⁷⁴ Cf., no âmbito desta doutrina dualista (anjos e demónios, i.e., deus bom / deus mau.). A imagética retrata a doutrina dos euquitas com três deuses - Pai e dois filhos: o do Céu e o que domina as coisas materiais na terra. Vd. outrossim *Gen.* 6, 1En. Já para o bogomilismo, a partir de Deus, nasce Satanael, colocado à direita, antes de rebelar-se, ambicioso, e de ser expulso, caindo do Céu e criando então o seu mundo, onde gerou Adão, do barro, para quem necessitou do Pai, a fim de animar o seu espírito, por natureza mau. Importará, a propósito desta questão, avaliar em conformidade com o credo monoteísta judaico-cristão, o princípio de que a humanidade fora criada à imagem e semelhança de Deus; ou no inverso, a demonologia neoplatónica, mediante a qual os deuses são concepções humanas, a partir de si próprios, à semelhança do que ocorre com outros animais (vd. Xenoph. fr. 15, 16 Diels) pese embora a tradição pagã retirasse já no séc. VI/V a.C. qualquer mistura entre criatura e Criador com afirmações como a de Xenoph. fr. 23 Diels (εἰς θεὸς ἔν τε θεοῖσι καὶ ἀνθρώποισι μέγιστος, οὗ τι δέμας θνητοῖσιν ὁμοίος | οὐδὲ νόημα. οὗλος ὄρα, οὗλος δὲ νοεῖ, οὗλος δὲ τ' ἀκούει, "Existe apenas um deus entre deuses e homens – o deus supremo, nada similar aos mortais em forma ou em pensamento"). Conceção que prossegue, contatando Opp. 5.4-7 a génese da raça humana, propensa para o mal, à luz da culpa ancestral titânica (Pl. *Men.* 81b: ποινή παλαιή. Cf. *OF* 320; A. fr. 228 Radt), o que condiciona a impiedade humana (vd. D. Chr. 30). Considerem-se também os deuses enquanto criações literárias moralmente imperfeitas, num cenário de paganismo clássico politeísta (Xenoph. fr. 11 Diels) e a virtude do Deus cristão. Vd. Lesher 1983.

⁷⁵ Cf. *Il.* 15.187, a propósito de tudo no mundo se encontrar distribuído pelos três filhos nascidos de Cronos e Reia. Considere-se a representação dos domínios mitologicamente consignados a Zeus, Posídon e Hades: terra, água, mundo ctónico e mortos.

ele estão de acordo uns com os outros! Mas a partir daí dividem-se em três vertentes. Portanto, uns, de facto, consideram ambos os filhos objeto de veneração! Com efeito, discordam uns dos outros, mas afirmam que ambos devem ser adorados igualmente, porquanto de um pai, no futuro, ter-se-ão reconciliado. Outros porém estão a serviço do mais novo, como fundador da mais poderosa e elevada região; não desprezando o mais velho, mas guardando-o como capaz de fazer mal. E o pior deles quanto a impiedade separa-se do celestial na totalidade, e apenas guarda o terrestre, Satanael. E havendo eles glorificado com os nomes mais auspiciosos, chamam primogénito, o afastado do pai; demiurgo de plantas, animais e dos demais corpos compostos, o que causa destruição e mortífero. Desejosos de honrá-lo mais, ai! Quantas coisas se comportam insultuosamente para o céu, dizem que é invejoso desarrazoadamente do irmão que administra bem as coisas na terra, e que, intumescido com ciúmes, causa sismos, granizo e epidemias. Por isso, opõem-lhe outros anátemas e também o abominável.

TIMÓTEO — Por que razões, Trácio, se convenceram a si mesmos, julgam e dizem que Satanael é filho de Deus, quando os profetas e oráculos divinos dizem em todo o lado um filho⁷⁶, e quando o que está posicionado, segundo os imaculados evangelhos, referiu acerca de Deus e da Palavra: 'glória como a do unigénito do Pai'⁷⁷; e de novo 'o unigénito que está no regaço do pai, ele descreveu'⁷⁸. De onde lhes veio esse assombro?

TRÁCIO — De que outro lugar, Timóteo, além desse chefe, vangloriando as mentiras dele, que engana com essas ideias os imbecis? Na verdade, este, tendo alardeado colocar o trono nas nuvens, dizendo outrossim que será igual ao Altíssimo, e por isso expulso e tornado escuridão, ele mesmo apresentado isso a eles, anuncia-se a si próprio filho primogénito de Deus⁷⁹ e criador de tudo na terra, dirige e também leva tudo no cosmos. E assim, partilhando a imbecilidade daquele, engana os imbecis, tendo em mente como é fanfarrão e o chefe das mentiras, eles deviam zombar do ostentador. Porém, não assim! Mas acreditam no que diz, e são levados como bois pelos focinhos. E de facto, sem muito, descobririam que é um mentiroso. Com efeito, se lhe requerido que mostrasse esses pretensiosos anúncios sobre os trabalhos, não teriam encontrado nada exceto o asno de Cumas⁸⁰, embrulhado na pele de um leão, que havendo tentado rugir, o ruído envergonhou. Agora porém, ainda que vencidos quanto aos olhos, vencidos relativamente aos ouvidos, e

⁷⁶ Cf. Jesus (Cristo).

⁷⁷ Vd. *Jo.* 1:14.

⁷⁸ Vd. *Jo.* 1:18.

⁷⁹ Vd. Eutímio Zigadeno, a propósito de Samael (Lucifer), enquanto filho primogénito de Deus.

Cf. Ficker 1908: 95 n.r. 21-22.

⁸⁰ Cf. fábulas de Esopo (séc. VII/VI a.C.).

não partilham de nenhuma inteligência mental, nem veem um demiurgo pela consanguinidade dos seres, nem dão ouvidos a isso, havendo declarado o verdadeiro ser, nem examinam com razão que, se existissem dois demiurgos que fossem opostos, não havia um arranjo e união havendo unido tudo. E burros e bois, segundo o profeta⁸¹, não reconhecem a manjedoura e o dono; contudo não se permitindo agradar o seu próprio deus⁸² e senhor, elegeram o mais desonrado entre as criaturas, e os queimados seguem, conforme o provérbio, atirados a si próprios ao fogo, que há muito prepararam para ele e para os seus apóstatas⁸³.

TIMÓTEO — Mas que benefício obtêm, ao declinarem o sacro culto pátrio, e submeterem-se a manifesta ruína?

TRÁCIO — Não sei se obtêm algum benefício! Mas julgo que nenhum. Na realidade, embora os demónios prometam dar-lhes riquezas, ouro, propriedades e glória entre os homens, não é permitido contudo darem nada a ninguém! Todavia, colocam visões coloridas e distintas aos iniciados, que aqueles que odeiam Deus chamam visões divinas. Aos que desejam ser seus espetadores, oh-oh, quantas coisas vergonhosas, quantas coisas indizíveis e abomináveis são executadas para eles! De facto, negando tudo o que entre nós é legítimo, crença para ser tomada e trabalho, enlouquecem e são contrários às próprias leis naturais. E para as loucuras inspirarem a escrita só seria trabalho próprio da repugnância de Arquíloco⁸⁴. Julgo que aquele, se presente, hesitaria em considerar digno de memória aqueles mistérios desprezíveis e criminosos, nunca existentes na Grécia ou em terra de bárbaro. Com efeito, onde e quando alguém ouviu que o homem, animal nobre e sagrado, em algum lugar húmido ou seco, prova secreções? O que julgo que nem feras raivosas suportariam. Mas assim, com esses malefícios, isso começa.

TIMÓTEO — Por que motivo, Trácio?

TRÁCIO — O segredo, companheiro, só os iniciados conhecem isso! Mas a mim, que perguntei frequentemente muito, não disseram nada, exceto que os demónios se tornam

⁸¹ Cf. contrariamente ao boi e ao burro, Israel, *Is.* 1:3.

⁸² Entenda-se 'animais e deuses'.

⁸³ Vd. *Mt.* 25:41.

⁸⁴ Cf. provérbio (*παροιμία*) em *Suid.*, 4112 com o nome de Arquíloco, a propósito do discurso inapropriado: *Ἀρχύλοχον πατεῖς*, "pisa sobre Arquíloco". Célebre pelas invetivas, sobretudo em trímetros iâmbicos, Arquíloco (séc. VII a.C.) distingue-se pelo estilo agressivo (*Pi. P.* 2.97-101, lembrando o antigo poeta 'repreensível', *ψογερός*; de 'palavra ofensiva', *βαρύλογος*; e de 'ódio', *ἔχθος*. Outrossim Hor. *Ars* 79: *Archilochum proprio rabies armavit Iambo*, "a raiva armou Arquíloco com o próprio iambo". Quiçá pelo episódio de engano amoroso com a filha de Licambes, Neobula, pese embora a sua retratação em Dioc. *AP* 7.351. Cf. Archil. fr. 30, 31, 33 *IEG*), condiciona a sua apreciação no decurso dos séculos subsequentes.. Vd. assim Erasmo e vários adágios nesse sentido. Cf. '*maledictus*' (Erasmo 1.666, respeitante ao que redigiu o epitáfio do malevolente Arquíloco: *qui scripsit epitaphium Archilochi poetae maledici*). Vd. *Comica Adespota (CAF)* fr. 748 Kock. Vd. Carey 1986.

amigos e agradáveis dos que experimentam excrementos. E nessa medida, parece-me que não mentiram, embora nas outras não saibam dizer nada de verdadeiro. Com efeito, nada é mais agradável aos Espíritos adversos do que o homem, que é invejado, sendo honrado com uma imagem divina, que cai nessa insolência.

Tal é o resultado da estupidez deles, comum não só aos chefes da crença, aos quais atribuem a denominação de Apóstolos, mas também aos euquitas⁸⁵ e aos gnósticos⁸⁶! Mas quanto ao sacrifício místico⁸⁷, Verbo, protetor do mal, quem exibiria a descrição? Eu envergonho-me, por modéstia, de apresentar a descrição, e talvez ficasse calado! Mas, como tu, Timóteo, tivesses sido poderoso antes de mim, falarei moderadamente, havendo deixado de lado acolher o mais vergonhoso, e não pense como se representasse uma tragédia em cena e em ato⁸⁸. Com efeito, à tarde, no acender das luzes no tempo de nós celebrarmos a Paixão do Salvador, levam as raparigas instruídas com eles para um quarto designado e depois de apagarem as lucernas para que a luz não seja testemunha da abominações que têm, são escandalosos para com as raparigas, com a desse tipo que cada um encontre, seja a irmã ou a própria filha⁸⁹. É que acreditam que agradam aos demónios se quebrarem os preceitos divinos nos quais se proibem os casamentos do mesmo sangue. Então, feito eles isso, separam-se; e esperando um período de nove meses, quando no tempo apropriado as criaturas daquela semente reprimida estão para nascer, todos se encontram novamente no mesmo lugar. E então, no terceiro [dia] após o parto, arrancando eles as crianças desafortunadas das mães, ferem também as carnes com uma adaga, recolhem o sangue derramado em vasos; e atirando-as, ainda vivas, para uma fogueira, queimam-se. Então misturando eles as cinzas a partir do sangue nos vasos, formam um composto abominável, que secretamente juntam à comida e à bebida como os que misturam veneno com hidromel, e que disso e também de outras coisas participam os que não conhecem o segredo.

TIMÓTEO — O que é pretendido por eles com essa degradação terrível?

⁸⁵ Acusados por Pselo de práticas orgiásticas e incestuosas.

⁸⁶ Cf. tipos de euquitas: *Proestatoi* / Presidentes; Gnósticos (*Γνοστικοί*) / *Litterati*; Euquitas / homens de oração.

⁸⁷ Entenda-se 'sacrifício simbólico'.

⁸⁸ Entenda-se 'detalhadamente'.

⁸⁹ Para os euquitas, o incesto era sagrado (e.g. Adão e Eva). Cf., já no âmbito do paganismo da tradição clássica, Gaia. As teogonias arcaicas apresentavam não apenas meras listagens variáveis, relativas à criação e descendência dos deuses até à concepção do Homem. Evidenciavam, de igual modo, um percurso evolutivo rumo à racionalização, hierarquização e abstração dos elementos congénitos nas criaturas do universo, por forma a conjugar num único panteão uma multiplicidade de figuras, desde as abstrações alegóricas, aos elementos naturais e à geração divina emanada de Gaia/Terra com o filho dela gerado, Úrano/Céu (Hes. *Th.* 127-7, 132-3).

TRÁCIO — Estão convencidos, caro companheiro, de que através disso afastam e expõem os sinais divinos⁹⁰ que [estão] nas almas: ora sendo esses, com as almas, como uma bandeira real num pequeno recinto, a cabana, a raça dos demónios assusta-se e afasta-se. Por isso, para que os demónios permaneçam em descanso nas suas almas, os imbecis procuram os sinais divinos com essas abominações, fazendo uma troca favorável disso. E não gostam de ser os únicos a ter este horror; mas para diante do mesmo buraco também afastam outros, tentam outrossim a escória dos fiéis, e desapercibidos, rececionam com comidas espantosas, uns tântalos a servirem pélopes⁹¹ em banquete.

TIMÓTEO — Pelos céus, ó Trácio! Isso assim o meu avô paterno⁹² previu há muito. É que certa vez, eu irritando-me com a subversão de outros bens e especialmente de credos, perguntei-lhe também se haveria algum benefício no futuro. Ele, deveras velho e hábil a ver muitas coisas do que está por vir, havendo acariciado suavemente a minha cabeleira, e após um suspiro profundo: "Ó filho," disse "querido, ó criança, pressagias que palavras ou alguma outra virtude irão avançar?" Chegou agora a altura em que os homens viverão pior

⁹⁰ Cf. Procl. *in Ti.* 1, p. 4 32-33 Diehl. Vd. *Orac.Chald.* 108.

⁹¹ Substantivos comuns criados a partir dos antropónimos mitológicos, para designar pejorativamente indivíduos com comportamentos similares. A tradição clássica começa por lembrar Tântalo como fruto de um relacionamento extraconjugal de Zeus com Pluto (todavia, para certos autores, Tântalo seria descendente de Pluto e Tmolos da Lídia (pai fisiológico ou quiçá somente putativo), o que justificaria, à partida, a tendência desafiadora do divino exercida por Tântalo. Cf. *schol.* E. Or. 5; Clem. Al. *Strom.*10.). Pela sua proveniência materna, que simboliza a riqueza, Tântalo surge como manifestação de poder (cf. A. fr. 154a Radt: Ταντάλου βίαι), fortuna e boa sorte, o que lhe merece o qualificativo de μακάριος (cf. E. Or. 4). Contudo, torna-se igualmente padrão de queda e de ruína da raça humana. Para tal teriam contribuído a perda/má administração das regalias de que era detentor (Pi. O.1.55-58), as consequentes penas divinas a que fora sujeito, além do espírito enganador e traiçoeiro face às divindades, uma constante entre os vários atos dignos de reprovação que as diversas fontes literárias atribuem a Tântalo. Este parte de um estado privilegiado de elevação, pois, na medida em que se trata de um descendente de Zeus, goza do convívio divino e alimenta-se à sua mesa, num ambiente pleno de alegria e espiritualização, rico de elementos sublimes, que lhe haviam assegurado a imortalidade: néctar e ambrosia (Pi. O.1.54-55). Todavia, Tântalo não se contentou em privar da companhia divina e, cheio de um empolgação meramente fictício – vaidade hubristica, inicia um percurso descendente. Esquecido das limitações do seu estatuto mortal, começa a desejar o mesmo que os deuses tinham e a emular a sua condição (deificação). Retribui, por um lado, na versão tradicional do mito, o convite para um repasto entre os Olímpicos (Apollod. *Epit.* 2.3), com o serviço do mais hediondo dos manjares terrenos: a 'carne de seu filho', alegadamente para testar a amplitude dos conhecimentos divinos. Por outro lado, qual Prometeu, dá a conhecer aos companheiros humanos o alimento divino, perturbando assim o ideal grego, não da perfeição santificada, mas do equilíbrio harmonioso entre a componente física e a espiritual existentes em cada indivíduo. O banquete proporcionado por Tântalo caracteriza-se pela perversão, ao dar largas ao seu vão desejo de igualar as divindades, através de um ato abominável de cariz insolente, infanticida, canibal e doloso. Mais do que pretender averiguar a omnisciência divina, ao despedaçar Pélopes, Tântalo retalhou (*kreourgia*) desejos terrenos reprimidos, representados no seu descendente. Se, de uma forma, aguardava, com a sua atitude, libertar-se da culpa que esse amor pelos desejos físicos representados pelo filho lhe trazia; de outra, esperaria transformar o prazer terreno em alegria sublime e que os deuses aderissem ao seu projeto, tornando-os cúmplices ao consumir. Mas tratava-se apenas de uma ânsia inútil, que partia de convicções de uma mente perturbada, paradigmática das vaidades e ambições humanas. Cf. Troca Pereira 2013.

⁹² Evocação única, já que alude ao avô materno no Encómio da sua mãe.

do que os animais selvagens. De facto, o poder do príncipe do mundo⁹³ está presente proximamente às portas! E convém que a presença dele seja precedida por uma procissão de males, estranhas crenças e práticas irregulares, nada melhor do que os ritos de Díonisos⁹⁴! E o que os gregos encenaram em tragédia, Cronos ou Tiestes ou Tântalo⁹⁵ a sacrificarem os rebentos, Édipo⁹⁶ a unir-se à mãe e Ciniras⁹⁷ à filha, essas coisas terríveis

⁹³ Anticristo?

⁹⁴ Cf. desinibição e mistérios de Díonisos. Vd. n.r. 45. Ainda em contexto clássico, Heródoto refere a reprovação dos citas, face ao rito báquico e ao estado de *ἐνθουσιάζειν*, 'furor divino' (4.79.3: *Σκύθαι δὲ τοῦ βακχεύειν πέρι* "Ἕλλησι ὀνειδιζουσι: οὐ γὰρ φασὶ οἰκὸς εἶναι θεὸν ἐξευρίσκειν τοῦτον ὅστις μαινέσθαι ἐνάγει ἀνθρώπους. "Mas os citas censuram os gregos por esta revelação báquica, dizendo não ser razoável colocar um deus a conduzir homens à loucura"). No mesmo sentido, já em período judaico-cristão, Clemente de Alexandria, séc. II/III (*Protr.* 5.17.2), efetua uma crítica deveras negativa a propósito dos ritos dionisíacos: *Τὰ γὰρ Διονύσου μυστήρια τέλεον ἀπάνθρωπα*, "Os mistérios de Díonisos são absolutamente desumanos". De entre os festivais celebrados em honra de Díonisos (*τὰ Διονύσιου μυστήρια*, "mistérios Dionisíacos"), culto relacionado com o desmembramento de Zagreu/Díonisos (Paus. 8.37.5), destacam-se as antestérias (no mês antestérior, 3 dias, a Díonisos e Hermes, com cerimónias religiosas, casamento simbólico da mulher do arconte-rei com Díonisos, preparação e consumo de vinho, recitações, cultos), lencias (no mês gamélio, sacrifício, procissão, concurso teatral), dionísias rurais (no mês Posídeon, jogos, cortejo, sacrifícios) e dionísias urbanas/grandes dionísias (no mês Elafebolíon, 6 dias), com associação da divindade com concursos teatrais (5 tragédias e dramas satíricos, 3 comédias, ditirambos), com maior relevo no âmbito das dionísias urbanas. Cf. D.L. 3.56, igualmente com alusão a panateneias, cítrias. Vd. outrossim oscofórias; coros trágicos em honra de Dioniso, em Sícion.

⁹⁵ Aproxima as três figuras referenciadas pelo crime de infanticídio retratado em tragédias, o infanticídio. Na sequência do seu pai Úrano, alertado pelos seus progenitores de que estaria no seu destino ser destronado por um dos seus filhos (Hes. *Th.* 467: *παῖδας ἐοὺς κατέπινε*), o parricida Cronos recorre à teofagia, pela necessidade de preservação do poder vigente. Reia (467) pediu o auxílio dos progenitores para desenvolver um plano, a fim de que Cronos obtivesse a retribuição devida pelo que fizera ao pai e pelo que estava a executar com os filhos (467-476). Tendo-lhe proporcionado o retiro em Creta, onde desenvolveria o estratagema de substituir o entretanto recém-nascido Zeus, possibilitaria o processo de destronamento e de *atimia* de Cronos, que se avizinha com a ascensão de Zeus, dando-se assim prossecução a uma cadeia natural inevitável. Com efeito, Cronos ver-se-ia forçado a assumir um comportamento por essência feminino, numa ordem social mormente masculinizada, 'dando à luz' de novo a sua prole, desta feita pelo vômito, episódios ilustrativos do ciclo vida-morte-ressurreição, o que exprime uma das diversas mutações da biologia corrente, utilizadas por Hesíodo e reflexo do dissídio simultaneamente sexual e geracional. Quanto a Tiestes, face à necessidade de escolher um governante para o trono vacante em Micenas (Apollod. *Epi.* 2.11), apresentando-se Atreu e Tiestes como sucessores naturais ao governo, mas não se admitindo uma monarquia dualista, este condicionalismo teria constituído um expediente para que os dois irmãos substituíssem os laços de *φιλία* fraternal e extravasassem aspetos característicos da sua linhagem ao tornaram-se *authenteis* um do outro e entabularem um dissídio, no qual digladiaram 'forças' com o objetivo de obter o poder régio. No decurso desse processo, Atreu, ciente da sua vitória, concorda com a prova da apresentação do simbólico cordeiro de velo de ouro, sugerida dolosamente por Tiestes para a determinação do soberano. O 'crime' seguidamente perpetrado por Atreu (A. *Ag.* 1583-1595) retirou-o da condição de vítima perante a traição da esposa Lérope que beneficiara Tiestes, ao exceder os limites da justiça primitiva. Confundia-se com um ritual propiciatório, onde os alimentos servidos são os filhos do irmão (Tântalo e Plístenes), imolados e dados a degustar ao pai, Tiestes. Relativamente a Tântalo, vd. n.r.89.

⁹⁶ O filho de Laio estabelecerá alguma analogia também com Pélops. Note-se que Édipo recebera de seu pai biológico, que deseja punir, uma motivação homoerótica da qual tenta libertar-se, ao casar-se com a mãe e ao proporcionar herdeiros ao pai, tomando o seu lugar e sobrepondo-se à sua 'castração/castidade' obrigada. Em ambos os casos, a obtenção do poder passaria pela luta com figuras paternas (Pélops com Enómao/Mírtilo e Édipo com Laio). Édipo daria assim prossecução oracular e enfrentaria a esfinge, uma punição ao povo de Tebas lançada por Hera, dada a falta de castigo infligido a Laio. A esfinge, símbolo de uma comunicação já não ascendente - entre homens e deuses, como o oráculo -, mas entre homens e animais, representaria o percurso edípiano, desde a apresentação de um problema até à solução deste (*anagnorisis*, no caso de Édipo/Jocasta) e consequente morte (física ou figurada).

serão outrossim introduzidas na nossa sociedade. Mas olha e fica atento, filho. Conhece-te e conhece bem que não só serão afastados os incultos⁹⁸ e sem refinamento, mas também muitos da instrução." Isso, como parece, previu. E eu, desde então, até ao corrente lembrado das suas palavras, tendo tu dito essas coisas agora, continuo a surpreender-me.

TRÁCIO — E convém surpreenderes-te, Timóteo. Retratam-se coisas extraordinárias e em grande número acerca dos povos hiperbóreos, e muitas tanto da Líbia como de Sirte; mas não ouvirás nenhum tipo de perversão similar, nem acerca deles, nem sobre os celtas, nem a respeito de nenhum povo que exista junto à Bretanha, sem lei e selvagem.

TIMÓTEO — Seria terrível, ó Trácio, se essa degradação se instalasse na nossa região⁹⁹. E que eles desperdicem isso, e que aqueles, perversos, acabem por completo com os hábitos, perversamente. Porém, a respeito dos demónios, uma dúvida está a confundir-me há muitos anos, essas e outras coisas, e se esses maleficientes veem isso de forma clara.

TRÁCIO — E, ó muito agradável, a pressa de todos tende para isso, o comportamento, sacrifícios, ritual, toda a infâmia, abominação são executados para que isso apareça junto deles.

TIMÓTEO — Mas como, não tendo corpo, são vistos por olhos de fora?

TRÁCIO — Todavia, não é incorpórea¹⁰⁰, ó nobre, a raça dos demónios: passa o tempo com um corpo e entre corpos. E isso é aprendido junto dos nossos augustos Padres, se alguém se aproximar das coisas deles de forma não ociosa; e também é possível ouvir muitos que descrevem as aparições¹⁰¹ a eles em corpos¹⁰². E o grande Basílio¹⁰³, havendo

⁹⁷ Cf. o desejo sexual excessivo de Mirra face ao seu pai (Ciniras), que, sem saber, a engravidara, para só depois aquiescer a sua real identidade.

⁹⁸ Sugere-se que as anormalidades reconhecidas à heresia não advêm da iliteracia.

⁹⁹ Cf. considerações atualmente retratadas como xenofobia, comportamento característico das civilizações clássicas pagãs, mediante as quais todo o cidadão externo se integra na 'barbárie', mas no panorama judaico-cristão, com propensões religiosas.

¹⁰⁰ Cf. Ps. Dionísio Areopagita, *De coelesti Hierarchia* 15.

¹⁰¹ Considerar a existência de aparições implica partir de um dualismo ontológico do ser humano e a sobrevivência da alma (cf. Pl. *Men.* 81b) após o natural e imperioso perecimento da componente física. importa considerar de perto fenómenos de *poltergeist* (Vd., em termos linguísticos, aparições - εἶδωλον - (F)εἶδος, 'forma', εἶδω, 'ver', perff. οἶδα - subst. ὄψις; εἶδομαι, 'parecer'; ψυχή, σιά, ἴνδαλμα, φάσμα / φάντασμα. Cf. φάω, φαίνω, 'ver' / *monstrum, manes, umbra, effigies, simulacrum, imago*), no âmbito das culturas da Antiguidade Clássica. Cf. Dodds 1951. Quanto ao *topos* do fantástico sobrenatural, conservam-se notícias de diversos tipos de aparições, supostamente a título (pseudo-)histórico. Eis, pois, a manifestação da alma de Agripina diante do seu filho Nero (Suet. *Nero* 34; Apul. *Met.* 9.31). Ainda que presente na literatura mais recuada, a exploração do maravilhoso acentua-se de forma particular com a paradoxografia (cf. παραδοξολογέω, 'contar maravilhas'). Na generalidade, as aparições desencadeavam assombro e receio extremos (e.g. Petr. 62.14), ao ponto de se julgarem tais reações como fruto de cobardice (cf. Thphr. *Char.* 16.1-2). Embora tais histórias advenham frequentemente de rumores e se inscrevam no folclore tradicional, em certos casos, porém, aventam-se depoimentos de quem presenciou e convida-se à autópsia do cadáver (cf. Filíon, Polícrato, Antíoco, profecias e morte do general Públio, Phleg. *Mir.* 1-3); constata-se a afirmação do testemunho presencial do relator. Fica pois sem resposta cabal a questão de saber se existiram de facto tais fenómenos, ou se os eventos reportados não passariam de mera ficção (Cf. Pl. R. 2.381e, a respeito das

exposto o atribuído em Isaías, afirmava que: "exultai as imagens", dizem isso: que "relativamente aos fantasmas, a partir dele, alguns demónios invisíveis assustados, sentam-se, beneficiados com o prazer das degradações: de facto, assim como os cãezinhos famintos se sentam em redor dos lugares dos grandes, nos quais há sangue e icor¹⁰⁴, assim os demónios famintos, havendo perseguido a fruição pelo sangue e odor dos sacrifícios, enroscam-se à volta dos altares dispondo-lhes também honras! Com efeito, para isso e onde se engordam os corpos aéreos deles, e depois ígneos, ou também misturados de ambos os elementos." E de novo o divino Basílio, o inspetor de coisas invisíveis e desconhecidas para nós, sustenta que não só os demónios têm corpos, mas também anjos imaculados, uma

criações fantasmagóricas efetuadas por poetas. Cf. Plu. *Brut.* 37.1), em alguns casos com interesses e aproveitamento literário (e.g. Pl. *Most.* 497-504). Aparições e demónios marcavam alguma literatura vulgarizada, a crer no relato de Fócio (séc. IX, *Bibl.* 130), referindo obra de Damásio de Alexandria (séc. V/VI), que alude a obras versadas sobre o fantástico e ao deleite que podia fruir-se com esse tipo de literatura, o que denuncia um gosto por uma secção do âmbito do fantástico caracterizada por assuntos tétricos, assombrosos e macabros. No caso de Pselo, verifica-se um evidente didatismo na exposição demonológica. Vd. Dodds 1971; Troca Pereira 2016.

¹⁰² Vd. 1^{Cor.} 15:44, εἰ ἔστιν σῶμα ψυχικόν, ἔστιν καὶ πνευματικόν, "há um corpo espiritual e natural". O corpo surge retratado como superfície de desejos, mas não enquanto prisão da alma, conforme na Antiguidade Grega postulavam o orfismo ou sequentemente Platão, como invólucro seguro para uma alma, que estava a expiar a titânica falta ancestral (*Cra.* 400c). Ademais, no tocante a aparições, Ἐξήγησις τῶν χαλδαϊκῶν ῥητῶν, "Comentário dos Oráculos Caldaicos": αὐτοψία, 'autopsia', quando o próprio vê a aparição' e ἐποψία, 'epopsia', segundo o retrato de quem rege a iniciação. Prossequindo, Pselo admite que os demónios se apresentam em corpos. Ainda assim, não devem confundir-se as aparições de demónios com as referentes a almas descritas como espíritos perturbados à procura de reparação/direitos (honras/celebração, funeral, justiça). Surgem retratadas como sombras negras, com vestes pretas (Paus. 6.6.11), por vezes com marcas físicas (*Il.* 23.64). Outros fenómenos reportados resumem-se apenas a sons (Paus. 1.32.4. Cf. Luc. *Pharsalia* 1.568, 569), o que, aliás, corresponde ao sentido da designação relativa a recontos de fenómenos sobrenaturais - *poltergeist* - 'espírito ruidoso'. E se a visão é tenebrosa, a ausência de qualquer imagem, num ambiente por norma escuro adensa a imaginação e, com ela, o pavor. Resta, pois, constatar se as aparições conferem credibilidade a versões tradicionais, traduzindo a infelicidade das almas presas no escuro Hades, surgindo no mundo dos vivos, por vezes de forma recorrente, enquanto espíritos malignos (cf. ἄλαστωρ, 'espírito mau', *A. Pers.* 354). Tão atormentados quão atormentadores (cf. *And.* 1.30; Luc. *Pseud.* 21), mostram-se plenos de inveja/ressentimento (Luc. *DMort.* 29), denotando saudosismo e (ou) sentido justiceiro, por vezes aconselhando retificação (face a faltas/crimes); noutras ocasiões até clamando reposições (e.g. honras fúnebres) - justiça cósmica (por vezes com contornos de vingança - e.g. *Liv.* 3.58.11: Virginia). Ademais, contam-se relatos de atos maléficis perpetrados por algumas almas (e.g. Paus. 6.6.8, a propósito do espectro de um companheiro de Ulisses, em Temesa). As aparições perniciosas não se limitavam a errar apenas sobre os túmulos dos mortos (*Phaed.* 81d), o que alarga os locais de possíveis manifestações, os seus motivos e a ocasião. Queda por apurar, de forma absoluta, a existência de correlação entre mortes violentas (cf. *Ov. Fast.* 2.503) e as almas que se manifestam, envergando, na generalidade, marcas dos ferimentos contraídos, que acentuam o carácter horrendo e tenebroso dos espectros (*Il.* 23.64. Vd. Aparição onírica de Heitor a Eneias, *A.* 2.270-279; de Siqueu a Dido, *A.* 1.353-356). Ainda assim, fica patente, nessas almas, a incapacidade de total abnegação do mundo sensível, em termos de (res)sentimentos, posses e de acontecimentos, o que denuncia um fluxo de comunicabilidade e continuidade entre esferas, num aporte cumulativo sempiterno de culpas e castigos. Mas os demónios abordados por Pselo comportam uma lógica religiosa além da representatividade literária. Ora, em Pselo a diferença das aparições referidas é evidente, porquanto se trata de demónios incorporados, representantes das heresias. Vd. Heinrichs 2019.

¹⁰³ Cf. S. Basílio de Cesareia, *Enarratio in prophetam Isaiam*. Vd. *Is.* 10:10.

¹⁰⁴ A imortalidade dos deuses preservava-se pela alimentação distinta dos mortais (néctar e ambrósia), o que justificava um tipo de sangue distinto - icor. Vd. *Il.* 5.339-340: ἄϊμα θεοῖο | ἰχώρ "ícor, sangue dos deuses", na sequência da aristeia de Diomedes, no tocante ao ferimento de uma deusa (Cípria) pelo herói (*Il.* 5.330-342).

espécie de sopro delicado, aéreo e puro, e de prova põe como testemunha David, entre os profetas, o mais renomado, "o que faz dos espíritos os seus anjos", dizendo, "e das chamas ardentes ministros." E é necessário que seja assim: aos espíritos encarregados de uma missão e enviados, como mostra o divino Paulo, é preciso um corpo para se moverem, ficarem em pé e mostrarem-se. Ora isto não poderia ser completado de outro modo, mas através de um corpo.

TIMÓTEO — Então porquê em muitos lugares das Escrituras são cantados como incorpóreos?

TRÁCIO — Porque é costume para nós¹⁰⁵, assim como para os afastados¹⁰⁶ afirmar os corpos mais densos como corpóreos; por outro lado, o que é sutil e foge da vista e do tato, não apenas nós, mas também muitos dos de fora¹⁰⁷ consideram apropriado dizer incorpóreo.

TIMÓTEO — Mas como? Este corpo natural que os anjos têm é igual ao dos demónios?

TRÁCIO — De maneira nenhuma! Deve haver grande diferença. De facto, o angelical emite uns brilhos estranhos, para os olhos exteriores é insuportável e irresistível; mas o demoníaco não sei dizer se alguma vez foi assim! Parecia desse modo, havendo Isaías¹⁰⁸ denominado chama o caído¹⁰⁹ de estrela da manhã; porém agora, está uma espécie de escuro e negro, e sombrio aos olhos, abstraído da luz comum. Por conseguinte, é¹¹⁰ capaz de penetrar e atravessar através de todo o sólido e é mais inalterável do que o raio de sol. Com efeito, indo através de corpos transparentes, elementos terrenos e opacos afastam, de modo a suportar a inflexão, porquanto contém algo material; mas nenhum deles é oponente, pois não têm nenhuma oposição a nada, não sendo homogéneo a algo. Por outro lado, os corpos demoníacos, embora pela sutileza se tenham tornado invisíveis, contudo porém são materiais e emocionais, principalmente os que desceram para lugares subterrâneos. Com efeito, esses têm tal constituição, que caem ao serem tocados, sentem dor ao serem atingidos e queimam com fogo ao associarem-se, de forma que alguns deles deixam cinzas; o que se relata que aconteceu em torno dos toscanos, em Itália¹¹¹.

TIMÓTEO —Estou a envelhecer, ó Trácio, conforme a máxima¹¹², aprendendo sempre

¹⁰⁵ Entenda-se 'cristãos'.

¹⁰⁶ Entenda-se 'profanos'.

¹⁰⁷ Entenda-se 'profanos'.

¹⁰⁸ Is. 13:12.

¹⁰⁹ Entenda-se 'Lúcifer'.

¹¹⁰ Entenda-se '[o angelical]'.

¹¹¹ Cf. Procl. in Ti. 5.

¹¹² No referente ao conceito de 'velhice' na obra de Pselo, importa considerar a sua apreciação nas culturas da Antiguidade Clássica, desde logo a percepção do avanço da idade como uma fase inferior do ciclo da vida,

coisas novas, algo novo a cada dia, como agora, que alguns demónios são corpóreos e passionais.

TRÁCIO — Nada de novo, companheiro, que homens como nós somos, segundo o referido¹¹³, ignoramos muitas coisas¹¹⁴! De facto, há que contentarmo-nos também se envelhecemos, nós ganhemos inteligência. Todavia, sabe isto, que ao haver declamado isso, não falo maravilhas conforme os cretenses e fenícios¹¹⁵; mas estou persuadido pelas palavras do Salvador, que dizem que os demónios serão punidos com fogo; como sofreriam algo desse tipo, sendo incorpóreos? Ora, o incorpóreo é incapaz de ser afetado pelo corpo. É, portanto, necessário que recebam a punição com os seus corpos, propensos a sofrer. E tenho muitas coisas que tendo ouvido dos que os viram pessoalmente. Com efeito, eu ainda não contemplei nada assim! E que eu não tenha de contemplar terríveis espetros de demónios. Junto à península que faz fronteira com a Grécia, conversei com um monge: Marco¹¹⁶ era seu nome, e a linhagem remontava à Mesopotâmia. Ele, na realidade um mau iniciado e espetador de aparições ocorridas de demónios, mas como as

equivalente, na época arcaica (séc. VII a.C.) a mulher ou criança no cenário de guerra (cf. Tyrt. fr. 6.7. Diehl) e um vetor de degeneração em termos de agilidade, força, saúde, beleza, valor - ἀρετή (cf. princípio de καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, “belo e bom, associando valores meritórios à beleza física), pelo que epítetos negativos na literatura (e.g. Thgn. 1.271-278, γέρας οὐλόμενον, “velhice miserável”), retratando inclusivamente a senilidade como algo pior do que a morte (Mim. fr.4 West. Cf. mito de Títono). Fragilidade que condiciona comportamentos sociais de humilhação e desrespeito face a e por jovens (cf. idade don ferro, Hes. Op. 180-189). Acompanhando os desenvolvimentos da sociedade do século V a.C. considere-se, pois, para este propósito, a evolução do conceito de ἀρετή, desde um entendimento mais épico, físico e aristocrático, a outro, representativo de um confronto verbal pacífico de argumentos (vd. ἀρετή política sofisticada), substituindo-se a vitória física pela persuasão, o esgrimir de argumentos (e.g. A. Ag. 932-944; Cassandra, E. Tr. 400). Assim, embora inevitável, a velhice colige o processo de aprendizagem / aquisição de *sophrosyne* (cf. Sol. fr. 18 West) ao longo da vida, o que permite a integração no quadro valores vetustos como Nestor (Il.1.254-284, 7.124-160, 11.656-803, 23.626-650). Decorria o século VI a.C. quando Sólon veicula uma afirmação valorativa da velhice (fr. 18 West), num sentido próximo do retomado no diálogo de Pselo: γηράσκω δ' αἰεὶ πολλὰ διδασκόμενος, “Ao envelhecer continuo sempre a aprender muito.” Em paralelo, como princípio basilar que acompanha a progressão dos contornos da ἀρετή até ao contexto democrático, a noção de σοφία, num trajeto desde um cariz essencialmente prático a um pendor filosófico, ou seja, desde a denotação de uma habilidade ou arte, conforme se manifesta na épica homérica (e.g. Il. 15.412. Cf. Hes. Op. 649), a um tipo teórico de conhecimento facultado pelo *sophistes*, apartado de princípios de ordem ética (cf., na antítese, antissofistas) / uma sabedoria abstrata aplicada em diversas áreas (Hdt. 1.29, 4.95), como a poética, a política, a retórica (vd. σοφιστής), entre outras. Há pois que distinguir entre a verdadeira *sophia*, saber intelectual (Pl. Phdr. 278d), logo, capacidade de distinguir o 'bem' do 'mal' (Arist. EN 1103a, 1107b), objeto de estudo da *philosophia*, e a *phronesis*, saber prático (Arist. EN. 1441a-b, 1143b-1144a. Vd. Pl. R. 435b). Cf. Finley 1981.

¹¹³ Cf. Porph. Abst. 1.38.

¹¹⁴ Cf. provérbios árabes 14: *dicitur homo esse filius defectus*, “diz-se que o homem é o filho caído”. Scaliger–Erpenius 1623:72.

¹¹⁵ Era vulgarizada a apreciação exagerada de cretenses e fenícios. Vd., a propósito, Tz. 1:12 - εἰπὲν τις ἐξ αὐτῶν, ἴδιος αὐτῶν προφήτης, Κρητες αἰεὶ ψεῦσαι, κατὰ θηρία, γαστέρες ἀργαί, “Um dos próprios profetas cretenses referiu: «os cretenses são sempre mentirosos, preguiçosos glutões», impressão do profeta-filósofo Epiménides de Cnossos (séc. VII a.C.), *Cretica*, com que o apóstolo Paulo em Tz. afirma concordar (1:13 - ἡ μαρτυρία αὕτη ἐστὶν ἀληθής, “Essa profecia é verdadeira”).

¹¹⁶ Figura desconhecida. Cf. nota marginal em E referia-o como proveniente de Tebas.

considerava passadas e falsas e também renunciou¹¹⁷, tendo feito a desistência, se retirou e aderiu às nossas verdadeiras crenças, que aprendeu com esmero por meio de mim. Então, esse¹¹⁸ disse e revelou muitas coisas estranhas e demoníacas.

Uma vez, tendo eu perguntado se existem alguns demónios passionais, "Certamente," dizia ele; "a ponto de alguns deles emitirem esperma, e gerarem com os espermas vermes."¹¹⁹

Mas é incrível, dizia eu, que eles tenham um número extraordinário de demónios e partes produtoras de esperma como os animais."

"Órgãos" dizia ele "desse tipo, não têm: a partir deles a excreção surge. E acredita em mim ao dizer."

"Contudo, afirmava eu, eles têm possibilidade também de alimentar-se como nós."¹²⁰

"Comem," referiu Marco, "por um lado, uns por aspiração, como o ar nas artérias e nervos; por outro, outros pela humidade; mas não pela boca como nós, mas como esponjas e moluscos, arrancando da humidade de fora que rodeia, e expelindo novamente havendo adquirido consistência espermática. Porém isso nem todos sofrem, mas apenas as espécies materiais de demónios, ou seja, a lucífuga¹²¹ e a hídrica, e a ctónica são iguais.

Ó Marco, existem muitas, espécies de demónios? Perguntei de novo.

"Muitas", disse ele, "e de todo o tipo quanto a formas e corpos, de modo que o ar está cheio, e o que está acima de nós e aquele à nossa volta, cheio no tocante à terra, ao mar, aos lugares muito impenetráveis e profundos."

Mas, se não for algo incómodo, deveria listar cada um? Disse.

"Incómodo", disse ele, "trazer à memória o que já renunciei. Todavia, não devo declinar, ordenando tu."

Falando assim com certeza, contou muitas espécies de demónios, apresentando os nomes deles, formas e locais em que despendem tempo.

TIMÓTEO — O que então, ó Trácio, te impede de apresentares isso diante de nós?

TRÁCIO — Ó mui caro amigo, os detalhes do que lá foi dito, nem me preocupou palavra por palavra, nem levo lembrança agora. E de facto, que benefício poderia trazer ter pensado os nomes deles, onde vive cada espécie, como se apresenta e com que diferenças se afastam entre si? Por isso desconsidereei lembrar essas coisas passadas; no entanto,

¹¹⁷ Fazer a retratação no original *παλινοῦδία*. Cf., *mutatis mutandis* Estesícoro, *Palinódia*.

¹¹⁸ Marco.

¹¹⁹ Empréstimo de Proclo.

¹²⁰ S. Basílio, *Enarratio in prophetam Isaiam*, PG 30, 165c-168.

¹²¹ Vd. *μισοφαής*, termo neoplatónico.

ouvirás o pouco das muitas coisas de que retenho consciência, e o que se procurares perguntando disso.

TIMÓTEO — Em primeiro lugar, isto em particular. Desejo saber quantas ordens de demónios existem.

TRÁCIO — Seis no total, disse [ele] são as espécies de demónios, não sei se pelos lugares onde se criam, nos quais passam o tempo, se toda a linhagem de demónios é amante do corpo e o conjunto de seis é corpóreo e mundano! De facto, nesse, os corpóreos são contidos e o cosmos é associado segundo isso. Certamente, por estar em primeiro lugar esse número, triângulo¹²² escaleno; e o divino e o celeste são próprios do equilátero, porquanto igual a si próprio e inclinado para o mal; e o humano, do isósceles, como atirado para cair na escolha, a partir de arrependimento; e, por outro lado, o aprimoramento é próprio do escaleno demoníaco, porque é inconsistente e não tende inteiramente para o céu¹²³.

Se então assim, tendo esta opinião; se de outro modo, aquele contou seis tipos: e o primeiro ele, em fala nativa e em língua de modo bárbaro, chamou leliurio¹²⁴, significando o nome ígneo; isso perambula pelo ar acima de nós! Com efeito, todo o demónio foi expulso dos lugares em redor da lua, como um impuro de um sacro! A segunda é desviar-se pelo ar que nos rodeia, o que também é chamado por parte de muitos de propriedade aérea; a terceira deles¹²⁵ é a terrestre; a quarta, a aquática e também marinha; a quinta, a subterrânea; a última, lucífugos e insensíveis; e todas essas espécies de demónios odeiam Deus e são inimigas dos homens; mas, dizem, não apenas são pior do que o mal. Na verdade, a aquática e a subterrânea e ainda a lucífuga, extremamente alegres da desgraça alheia e fatais. De facto, esses não prejudicam as almas, dizia, com fantasias e afirmações, mas saltam como as mais ferozes das feras, precipitando-se para a destruição dos homens! A aquática afoga os que passam na água; porém a subterrânea e a lucífuga, caso se encontrem, entrando no interior das entranhas, e, se lhes for permitido, seguram, asfixiam, fazem

¹²² Os elementos são aqui representados por triângulos. Cf. pitagóricos. E a perfeição do número 3. Assim, aplicando uma tripartição divina (princípio, meio, fim. Cf. deuses basilares e símbolos: Zeus - raio tripartido, Posídon - tridente, Hades - cão de 3 cabeças e 3 elementos do mundo: ar, água, fogo/mundo ctónico), humana (cf. tripartição: corpo - σῶμα, alma - ψυχή, espírito - πνεῦμα), demoníaca, triângulo equilátero, envergando a excelência dos seres celestiais; triângulo isósceles, com 2 lados iguais, representando seres humanos; triângulo escaleno, com 3 lados diferentes expressando o demoníaco, porque os 3 primeiros números (1 αἰθέριοι; 2 ἄεριοι, χθόνιοι; 3 ὕδατοι, ὑποχθόνιοι, μισοφαεῖς) não são iguais entre si. Vd. Procl. *In Enc.*

¹²³ Entenda-se 'bem / excelência'.

¹²⁴ *Hapax legomenon*: Λελιούριον - *lek*: 'voz', *ur*: 'fogo', οὔριον: 'terminação grega', segundo Galmino ed. Boissonade 1838: 228-229.

¹²⁵ Entenda-se 'espécie'.

epiléticos e loucos aqueles; quanto aos aéreos e também aos ctônicos, seguem com habilidade e consideração e enganam as inteligências dos homens, e levam a sofrimentos inusitados e violentos.

Mas como, disse eu, e a fazerem o quê, realizam isso? Primeiro, dominando-nos e se eles quiserem, levando-nos como escravos¹²⁶?

“Não nos dominam, afirmou ele, o Marco, mas atuam na memória. Com efeito, aproximam-se do espírito imaginativo e sendo eles espíritos, sussurram palavras de sensações e prazeres, não lançando vozes em jeito de pancadas ruidosas, mas por eles próprios empregadas palavras sem ruído.”

"É impossível, disse, empregar palavras sem sons."

"Não é impossível, disse ele, se considerares assim, que quando o orador, estando longe, precisa de um grito muito forte, mas estando perto, diz sussurrando para os ouvidos do ouvinte: e se pudesse aproximar ao próprio espírito da alma¹²⁷, não precisaria de nenhum som, mas a palavra, conforme queria, chegaria ao destinatário por um caminho silencioso. Dizem que isso acontece com as almas que saíram dos corpos; e com efeito, que elas se relacionam umas com as outras sem som. Dessa maneira, os demónios estabelecem comunicação, despercebidos, sem que nós possamos ver de onde vem a guerra. E não necessitas de surpreender-te acerca disso, tendo em mente o que acontece à volta do ar. Assim como, havendo um raio, então, assumindo cores e formas, transmite a produtos que recebem, como é visível nos espelhos. E exatamente assim os corpos demoníacos recebem

¹²⁶ Vd. Hor. *Epist.* 2.209, 216.

¹²⁷ Órgão da imaginação. Convirá, a propósito, considerar o *topos* da morte: num estado permanente (θάνατος) ou transitório (ὄπνος, 'sono'), não sendo ocasional a aproximação de ambos os episódios pela irmandade. Uma bipartição generalista contempla o se humano composto por corpo (σῶμα) mortal e alma (ψυχή) imortal (cf. Pl. *Men.* 81b), correspondendo a sua mortalidade à parte física, sobrevivendo a alma (conforme a vertente filosófica) noutra domínio então ctónico (Hades; as Ilhas dos Bem-Aventurados (Νῆσοι των Μακάρων); o paraíso Elísio; Tártaro/Orco) e surgindo no mundo dos vivos, por vezes de forma recorrente, enquanto espíritos malignos (cf. ἀλάστωρ, 'espírito mau', A. *Pers.* 354). Assim, a imortalidade humana é apenas metafórica e assenta na lembrança (de feitos e obras. Cf. τιμή). Por outro lado, os deuses (raça de imortais) também 'morrem', se considerada a 'morte' como uma mudança (de região, estado, poder, condição), donde a morte de Titãs, Úrano, Cronos, demónios e monstros, como Tífon; e figuras humanas votadas a suplícios eternos, a exemplo de Tântalo, Ixíon, Sísifo no Tártaro. Outrossim, no referente às divindades não devem apenas considerar-se entidades absolutamente etéreas. Na realidade, recorda a tradição, porque difíceis de contemplar pelos humanos, o aparecimento com formas humanas (e.g. Atena-Mentes; Atena-Mentor), podem sentir, ser feridos, possuindo icor. E porque nenhum aspeto nas culturas clássicas é uno e absoluto, a noção de permanência da morte pode contornar-se ao postular casos de reencarnação (cf. Pl. *Phaed.* 78b-84b) e experiências de quase-morte (cf. mito de Er, Pl. *R.* 10.614–10.621. Vd. Paus. 9.23). Ademais, os domínios ctónios podem receber breves visitas de vivos (catábases. E.g. Ulisses, Eneias) sendo o reconhecimento (no caso de os mortos, já fracos, sorverem sangue negro, como veículo facilitador da comunicação) da identidade das almas, já sem corpo, apenas possível em virtude do seu antropomorfismo aquando do óbito (cf. ceticismo e anti antropomorfismo quanto à religião, em Xenophan. (e.g. fr. 14 Diels, fr. 15 Diels). No tocante a Pselo, cf. a psicologia bizantina a propósito da alma, a partir de Aristóteles (*De anima*), Galeno, Simplício, Filópono, Estêvão, textos Patrísticos.

figuras, cores e quantas formas que queiram nos seus pela de seres imaginários, levam essas coisas para o espírito também da nossa alma; e onde fazem múltiplos atos sugerindo desejos, mostrando formas, despertando da memória prazeres, imagens de paixões, frequentemente causadores de estarem acordados e também a dormir, às vezes despoletam-nos cócegas nos membros inferiores do abdómen, conduzem para amores loucos e execráveis, e principalmente quando tomaram como ajudantes a humidade quente que existe em nós. E assim eles, que arrojaram o capacete de Hades¹²⁸, perturbam de modo sofisticado as almas, com habilidade! E as outras que são espécies de demónios não detêm nenhum conhecimento nem sabem agir com facilidade, porém irritantes e são terríveis e de aspeto horrível, impedindo à maneira do espírito caroneio¹²⁹. De facto, assim como se diz que destrói isso tudo o que se aproxima, seja quadrúpede, seja humano, seja volátil; da mesma forma também esses demónios desagradáveis de encontrar maltratam terrivelmente aqueles em que entraram por Sorte¹³⁰, estremecendo corpos e almas, prevenindo as faculdades segundo a natureza, por vezes, destruindo com fogo, água ou suspendendo, não apenas homens, mas também alguns dos animais irracionais."

E o que procuram, disse, quando caem nos animais irracionais? Com efeito, segundo Gergesa¹³¹, isto sucedeu com leitões, ensinam as sagradas escrituras. De facto, inimigos para os homens, não admira nada que lhes façam mal, mas qual é a razão por que se lançam em animais irracionais?

E Marco, "não através de ódio," disse, "nem por querer mal, atacam determinados animais, mas desejam calor animal. Como habitam nos lugares mais interiores, que são extremamente frios e sem humidade, ali ficam cheios de muito frio e, contraídos e espremidos por ele, conseqüentemente, desejam humidade e calor animal! E para divertir-se, atiram-se em animais irracionais e lançam-se em banhos e fossas. Com efeito, e isso porque evitam o [calor] do fogo e o solar, uma vez tendo ardido e secado; mas o dos animais, porquanto moderado e com agradável humidade, é saudado e, principalmente, o dos homens, que é suficiente e bem temperado. Por isso entram neles, provocando uma agitação não moderada, estabelecem-se naqueles em que está o espírito da alma, a encher os poros, e do espírito comprimido e posto de parte pela espessura dos corpos neles; por isso, encontram-se a agitar os corpos e as forças autoritárias governantes são afetadas e os

¹²⁸ Cf. *Il.* 5.845, enquanto provérbio, quando Palas Atena enverga o capacete para evitar reconhecimento ao lutar ao lado de Diomedes.

¹²⁹ Alusão a abismos pestilentos.

¹³⁰ Vd. Τύχη; 'acaso'.

¹³¹ Cf. *Lc.* 8:31-33.

movimentos instáveis completam-se e prejudicam. E se ele¹³², tendo-o atacado é dos subterrâneos, agita e enfraquece o possuído e fala através dele, usando o espírito dele como se fosse o seu próprio órgão. Um dos ditos lucífugos, havendo entrado despercebido, causa relaxamento, reprime a sua voz e completa, deixando o possesso como inteiramente morto! De facto, esta espécie, como a última nos demónios, é mais terrena, extremamente fria e também seca, e se entra em alguém, despercebido, enerva e obscurece toda a força anímica; mas o [demónio], desprovido de razão e de toda a capacidade intelectual, e detentor de uma imaginação desarrazoada, como a mais estúpida das feras, não ouve a razão nem teme o castigo, e por isso é chamado por muitos, razoavelmente, de mudo e surdo. E dos possuídos, não pode libertar-se alguém de outro modo, se não por força divina nascida de oração e de jejum.

Mas, ó Marco, disse, de entre os médicos persuadem-nos a pensar outra coisa como crianças, que afirmam que tais afetos não são provenientes de demónios, mas estando em sofrimento dos líquidos, sólidos e vapores. Sem dúvida, tentam, com remédios e dietas, mas não com feitiços ou purificações, curar isso.

"E nada de estranho", diz ele, Marco, "se dizem isso os médicos, que não sabem nada além dos sentidos, mas que apenas atendem os corpos. Quanto àquelas coisas, têm lindamente de considerar como provenientes de agonias dos desgraçados os torpores, sonos profundos, melancolias, delírios, que terminam por irrigação, evacuação ou curativos. As inspirações divinas, loucuras e retenções, nas quais o tomado não é capaz de fazer nada, nem de pensar e dizer, nem de imaginar e sentir, mas outro é o que move e conduz, e diz coisas que o possuído nem sabe e prediz o que está destinado a ser, como poderemos dizê-los movimentos desordenados da matéria?"

TIMÓTEO — Então o quê, Trácio? E tu mesmo concordas com o que Marco diz?

TRÁCIO — Ora, totalmente, Timóteo! De facto, como não? Lembrado daquilo que acerca dos demónios os santos Evangelhos referem, e o acontecido ao homem coríntio, ordenado por Paulo¹³³, e o quanto é contido nos escritos dos Padres a respeito de muitas e admiráveis coisas deles, e, além disso, sendo eu próprio¹³⁴ assistente e eu próprio ouvinte do acontecido em Elason¹³⁵. Com efeito, aí, um homem possuído por um demónio profetizou muitas coisas e outras de oráculos, mas não poucas também acerca de mim profetizava. De facto, quando uma multidão de iniciados se reuniu perto dele, "Saibam, ó presentes," disse,

¹³² Entenda-se 'demónio'.

¹³³ Cf. *1Co.* 55.

¹³⁴ Entenda-se 'eu próprio'.

¹³⁵ Localidade na Babilónia, fértil no maniqueísmo.

"saibam que vão enviar contra nós um homem pelo qual serão perseguidas as coisas do meu culto e acabará as coisas da adoração. Por esse, eu próprio com muitos serei capturado. Embora bastante desejoso de me levar como prisioneiro para Bizâncio, eles não poderão levar, ainda que trabalhem frequentemente." Predisse isso, apesar de nunca ter ido além da região de Bizâncio. E descreveu também o meu aspeto, ocupação, e o meu costume propriamente. Muitos que andavam cá e lá reportaram isso daí. Após longo tempo, eu, segurando-o, perguntei de que lugar lhe vinha a capacidade de predizer. Não querendo entregar o segredo, ainda assim, sofrendo a necessidade lacónica¹³⁶, declarou verdadeiramente. Afirmou ter executado, na realidade, os trabalhos demoníacos junto de um vagabundo líbio: "Este, conduzindo-me ao monte de noite, e tendo urgido a partilhar de uma planta, tendo cuspidado na minha boca¹³⁷ e untado uns unguentos à volta dos olhos, fez ver uma multidão de demónios! A partir deles, percebi como se um corvo¹³⁸ tivesse voado e entrado no interior da boca¹³⁹. E desde então para aqui vem a mim predizer acerca do que e quando o perturbador quer. Durante os dias da Crucificação e da sua augusta Ressurreição junto de vós¹⁴⁰, nada, por muito que [eu] deseje, pretende prever." Isso anunciou. E quando um dos que me seguem o golpeou na têmpora, "Tu" disse, "não receberás com demora por um golpe contrário muitos; e tu", tendo rodado face a mim, "serás objeto na pele de grandes lamentos. Com efeito, os demónios estão terrivelmente com raiva contigo havendo acabado as cerimónias deles. E naturalmente, irão comportar-te perigos difíceis e graves, os quais não poderás evitar, se um poder maior do que em relação aos demónios não te retirar deles." Isso o excomungado proferiu, como se me profetizasse a partir da trípole¹⁴¹. De facto, tudo o que predisse aconteceu! E estava-me designado proximamente morrer, porquanto tendo tido muitos perigos, dos quais o Salvador me livrou inesperadamente. Quem, então, viu aquele oráculo, como uma cítara sendo tocada

¹³⁶ Entenda-se 'questionamento sob tortura'.

¹³⁷ O episódio descrito no âmbito da adivinhação, a propósito do ato de cuspir, relembra a origem do dom profético da figura clássica Cassandra. Se certas versões retratam o esquecimento dos progenitores Príamo e Hécuba seguido de duas serpentes de Apolo a rodearem e lambiam os órgãos sensitivos dos neonatos Cassandra e Heleno, inspirando-lhes dons proféticos; outra tradição contempla uma troca de favores entre Apolo e Cassandra: dons de profecia por virgindade, respetivamente. Escusando-se a jovem, o deus cuspiu-lhe na boca e infligiu-lhe o ónus da adivinhação, sob pena de as suas profecias, não obstante verdadeiras, não merecerem mais do que o descrédito geral (cf. A. *Ag.* 1210-1213). Sendo que o ato de cuspir pode ser entendido como uma penetração, constituindo o cuspo um símbolo do sémen.

¹³⁸ Cf. presságio de mal. Vd. *Ant. Lib.* 15. Cf. *Horap.* 2.25; *Nicarch. AP* 11.186; *Verg. A.* 4.462.

¹³⁹ A boca constitui um canal de entrada e saída de demónios possuidores (cf. hagiografias. Vd. vida de S. Teodoro de Sicón). Vulneráveis, as vítimas são sobressaltadas por demónios de forma direta ou através de ilusões de animais através de vários meios (e.g. pedras, animais feridos, venenos, sopros, doenças). Vd. Festugière 1970.

¹⁴⁰ Entenda-se 'cristãos'.

¹⁴¹ Entenda-se 'trípode de Delfos'.

por demónios, dirá que todas as loucuras¹⁴² são simplesmente movimentos desordenados da matéria, mas não trágicos sofrimentos de demónios?

TIMÓTEO — Não é novidade, ó Trácio, se como crianças dos médicos considerarem, não viram nada igual. Na realidade, eu primeiramente também me ocorreu pensar assim, antes que me sucedeu ver algo simplesmente prodigioso e inusual, que não é impróprio referir-te agora. Em todo o caso, homem de idade avançada, não mentiria, para isso, tendo-me rodeado do hábito [monástico]¹⁴³.

Acontecia que o meu irmão mais velho, que vivia com uma mulher, na generalidade com prudência, mas afetada com todo o tipo de doenças. Quando ela estava na cama de parto¹⁴⁴, ela ficou em sofrimento, e delirou extremamente, havendo rasgado a túnica, discorreu brevemente uma língua bárbara havendo gritado. E a língua não era clara para os que tinha perto. E, naturalmente, todos os que estavam perto na dificuldade, não tinham capacidade de fazer nada em tal mal irremediável. Algumas mulheres (e de facto género engenhoso e, diante do embate muito eficiente¹⁴⁵) levam um homem estrangeiro calvo, precisamente de idade, a pele enrugada e muito negra de queimadura solar¹⁴⁶. Ele, de espada nua, desembainhada, estando perto da cama, tendo [ameaçado] através de raiva a doente, e, em conformidade com a língua atacava-a (na realidade, era arménio), espalhou muitas coisas para ela. E ela, ela respondeu-lhe segundo essa mesma língua. Primeiramente ousou e também tendo-se movido da cama, enfrentou contenciosamente: mas quando o

¹⁴² Cf. relativamente a oráculos, o estado de *enthousiasmos*, mediante o qual um deus, ou uma entidade com qualidades sobre-humanas (e.g. *psyche* de Pátroclo, *Il.* [a loucura profética de Cassandra, *A. Ag.* 1072-1330).

¹⁴³ Vd. *τριβων*, vestuário (caoa/manto com uso) usado por filósofos, padres, bispos. Cf. diminutivos *τριβώνιον* [*πάλλιον*], *περιβόλαιον*. Cf. *τριβωνάριον*, *τριβωνάριον*.

¹⁴⁴ Vd. *λεχώ*.

¹⁴⁵ A tradição das civilizações misóginas da Antiguidade reconhecia um cariz negativo ao género feminino, com conotação inferior, face ao masculino (Arist. *Pol.* 1.4), remontando ao legado de Pandora, *καλὸν κακὸν*, "belo mal" (Hes. *Tb.* 585). Esta Pandora enceta, na esfera humana, a continuidade do dolo feminino, expresso nas mulheres mortais que se seguiriam, característica que tivera início no plano divino, com Gaia e Reia. Hesíodo (*Op.* 78) reputa-a com o termo *ψεύδεια*, 'enganosa' e a expressão *αἰμυλίους τε λόγους*, 'de palavras sedutoras'. À sua essência dolosa assiste a persuasão. Esta obedece a uma retórica, à utilização sofisticada do discurso (*λόγος*), não necessariamente no contexto da *polis*, como preconizavam os usos masculinos de governantes, sofistas e retóricos, mas enquanto habilidade para aparentar veracidade, igualmente denotativa de supremacia (*χράτος*). A sabedoria (*σωφροσύνη*) mostrava ser o melhor remédio (*φάρμακον*) contra a arma da persuasão (*πειθώ*) feminina. Na realidade, sendo embora o sexo percecionado na Antiguidade como mais frágil fisicamente e mais fraco em termos sociais, o feminino poderia superiorizar-se à força (*βία*) por tradição masculina, recorrendo a uma persuasão retórica (*Tb.* 349) que, quando nefasta ou amoral, assumirá contornos de desvario (*ἄτη*), ou de engano (*δόλος*), conducentes a atitudes vis. Consignavam-se-lhe a geração e educação de uma prole legítima (cf. Plu. *Moralia* 142c-d. E.g. Semon. fr. 7 West; Ps.-Dem. 59), bem como a gestão doméstica (vd. *Od.* 1.356-359). Ainda assim, apesar de secundarizadas, objetificadas e instrumentalizadas, as figuras femininas conjugavam num poder efetivo aspetos reconhecidos como características do género, tais como infidelidade, lascívia, dolo e astúcia, que faziam valer em diversas ocasiões.

¹⁴⁶ Cf. fogo apotrópico.

bárbaro atacava com maldições, e, sendo atrabilioso quanto a essas mesmas coisas, ameaçando bater, era aterrorizada, então a pequena mulher contraiu-se, ficou a tremer, e falando humildemente, caiu no sono. Nós ficamos admirados, não porque estivesse louca! De facto, vemos isso estando em todo o sítio; mas porque falava em arménio, a mulher que nunca lhes pôs a vista, e nada sabendo além do doméstico. Havendo recuperado, soube o que aconteceu e se algo seguiu às coisas acontecidas. Ela disse que viu um espectro demoníaco, sombrio e com aparência de mulher, tendo cabelos ao vento, aproximar-se de mim¹⁴⁷; e, havendo temido, caí na cama! O que então das coisas acontecidas nada sabia, nem tinha nenhuma percepção.

Então ela disse assim, e recuperou: mas desde então, algo de dificuldade tem-me atado deixado em dúvida como o demónio que atormentou a mulher aparecia como mulher. De facto, há razoavelmente uma dificuldade, se existem demónios masculinos e femininos¹⁴⁸ como é próprio dos animais terrestres e mortais; e em segundo lugar, como se expressava com a língua dos arménios. Na realidade, em relação a isso, também muitas dificuldades, se uns dos demónios comunicam em línguas gregas, uns caldeias, outros dos persas e dos sírios, o que pode afetar o demónio através da espada, se for não cortado e indestrutível? Isso confunde e tumultua extremamente e eu preciso de um alívio, para essas coisas, pois julgo-te o mais adequado para providenciar, as quais também os pensamentos coligidos dos antigos, e conhecedor de muita história.

TRÁCIO — Gostaria, ó Timóteo, de retorquir as considerações acerca do que aprendes; mas temo que estejamos a ser ambos indiscretos; tu, por um lado, a procurar o que ninguém inspecionou; eu, por outro lado, tentando dizer essas coisas devo manter em segredo, e de qualquer forma, que essas coisas são facilmente deturpadas por muitos. Mas, uma vez que, segundo Antígono¹⁴⁹, não só as coisas fáceis pertencem aos amigos, mas também onde há algo de dificuldades, e tentarei outrossim deixar-te a sua compressão, revolvendo as origens das palavras de Marco.

Na realidade, aquele disse que nenhum tipo de demónio é por natureza masculino ou feminino; de facto, essas são as propriedades dos compostos; mas os corpos demoníacos são simples. Porém, sendo dúcteis e flexíveis, eles são naturalmente adaptados a toda a configuração. Com efeito, assim como se vê as nuvens terem a aparência produzida ora de homens, ora de ursos, ora de dragões ou de quaisquer outras coisas; assim também corpos

¹⁴⁷ Mistura discurso direto com discurso indireto.

¹⁴⁸ Apuleio discorre ainda a propósito de um tipo de demónios de nobre origem que nunca habitou em corpos humanos (Apul. *De Deo Socratis*).

¹⁴⁹ Rei. Vd. Gaulmino ed. Boissonade 1838: 258, n.r. 4, relativa a p. 27.

demoníacos. Mas as configurações de muitos tipos são produzidas por elas¹⁵⁰, movidas por ventos de fora; mas com os demónios, pela escolha neles diante do mesmo, se eles mesmos quiserem alteração dos corpos, também contraindo ora o tamanho para menor, ora uma vez mais estendendo o comprimento para maior, como vemos que acontece nos das entranhas da terra, por causa da essência macia e dúctil. E não se altera apenas segundo a magnitude, mas também de forma e cor, e muito variavelmente (de facto, o corpo é naturalmente capaz de ambos): quando dócil, transformada a aparência das formas; quando aéreo, ele é capaz de todo tipo de cores, como o ar. Mas o ar recebe a cor de algum lugar de fora; ao passo que o corpo pelo poder imaginativo no mesmo, tendo detido a aparência das cores para si mesmo. Com efeito, como quando nós temos medo, a palidez segura os rubores, e tendo vergonha, de novo as vermelhidões do rubor, da alma, quando está disposto assim ou assim, havendo representado esses acontecimentos¹⁵¹ para o corpo; de acordo com isso, também deve pensar-se isso acerca dos demónios. De facto, enviam na direção dos seus próprios corpos as imagens das cores. Por isso, cada um deles, havendo mudado os corpos para as formas que escolheu, retendo outrossim a aparência de uma cor na superfície do corpo, ora aparece como homem, ora muda para forma de mulher, e enfurece-se como um leão, e pula como uma pantera, ataca como um porco selvagem¹⁵²; e se imaginar, muda para a aparência de fole; e se tem possibilidade, parece como um cãozinho que ladra. Embora mudando todas essas formas, nenhum delas tem constante. Na verdade, o corpo não é assim firme, que retenha a aparência agarrada em si mesmo; mas o que costuma aparecer vem pelo ar e pela água se uma cor despejares e uma figura desenhares, rapidamente se dissolve e se espalha; essa experiência é também vista nos demónios. E de facto, outrossim cor, forma, qualquer aparência neles tidas esvai-se.

Isso, Timóteo, Marco determinou persuasivamente, quando me explicou. E após isso, nenhuma palavra se confunda, como é própria a diferença nos demónios, entre o macho e a fêmea¹⁵³; com efeito, isso neles até ao ponto do que parece¹⁵⁴; e nenhum entre eles tem permanente, nem é próprio neles. Por isso, o demónio causou tormento à mulher em cama de parto, se fosse vista parecida, aparecesse como mulher, pensa que ela não era assim na

¹⁵⁰ Entenda-se 'as nuvens'.

¹⁵¹ Cf. Procl. *in Ti.* 1

¹⁵² Entenda-se 'javali'.

¹⁵³ Cf. Pselo *Orac. Chald.*

¹⁵⁴ 'Ser' (εἶναι) é efetivamente diferente de 'parecer' (δοκεῖν) – uma dicotomia com particular destaque e visibilidade com o grupo dos sofistas alheado de princípios éticos e morais na sua atividade (A. *Ag.* 788: τὸ δοκεῖν εἶναι. Cf. Pl. R. 1.334c). No respeitante aos demónios, não possuindo constância na sua forma, o modo como se apresentam é condicente com a sua natureza aparente e falsa.

sua constituição, mas simplesmente tinha aparência de mulher.

TIMÓTEO — Como, ó Trácio, não muda para outra e outra forma continuamente como os outros demónios, mas vê-se sempre o mesmo? De facto, tenho ouvido muitos verem forma feminina em todas as mulheres em cama de parto.

TRÁCIO — E disso, Timóteo, Marco deu uma causa não incrível. Com efeito, disse que nem todos os demónios partilham o mesmo poder e desejo, mas nisso há muita diferença dos outros; é que têm o irracional¹⁵⁵, como nos animais mortais e compostos. De facto, como neles, o homem, dotado de força intelectual e também racional, tem outrossim uma imaginação mais geral, que se estende a quase tudo o que é perceptível: o no céu e por aí à volta da terra e na terra; o cavalo, por outro lado, o boi e as coisas similares a eles, quem perpetrrou face a uma mais particular das coisas imagináveis, reconheceu os companheiros de pasto, o estábulo e os donos; os mosquitos, as moscas e os vermes, têm-na contraída e separada, nenhum deles reconhecendo o buraco de onde veio, o lugar para onde eles vão e para onde devem ir e só tendo uma imaginação da comida; assim também acerca das espécies muito diversificadas de demónios. E, na realidade, entre eles, os piréticos e aéreos, tendo uma imaginação variada, quando um assume uma aparência imaginária, moldam-se eles mesmos para isso; a espécie lucífuga, contrariamente àqueles, tem; com efeito, pouco sobre a imaginação que assume. Por isso, também não muda muitas formas, porquanto não possui grande quantidade de aparências de fantasmas; mais, nem o corpo adquirido fácil e instável. Os aquáticos e os ctónicos, dos referidos, colocados no meio¹⁵⁶, são capazes de mudar muitas formas, exceto naquelas quando são agradáveis, com essas permanecem na generalidade. De facto, quantos vivem nas coisas húmidas vivem e gostam de uma direção mais agradável fazem-se a si mesmos semelhantes a pássaros e mulheres. E por isso dos gregos, crianças, chamam-nos, no feminino, Náíades, Nereides e Dríades¹⁵⁷. E quantos passam tempo em locais áridos e têm corpos algo secos, do tipo que dizem que os onósceles¹⁵⁸ são, eles transformam-se a si mesmos em homens; e por vezes tornam-se

¹⁵⁵ Procl. in *Ti.* 3 refere o mesmo. Vd. referência `inteligência (νοῦς) dos demónios, ainda que irracionais (288b)

¹⁵⁶ Cf. Nicéforo Grégoras (1295 – 1360) atribui operações mágicas aos deuses intermédios (*PG* 149, 543).

¹⁵⁷ Pselo identifica ninfas do hemisfério clássico como demónios. Cf. um panorama bucólico, com ninfas de rios e fontes (Náíades, Nereides) e ninfas da floresta (Dríades).

¹⁵⁸ Cf. monstros de patas de burro (ὄνος). Cf., na cidade de Ὑδαμαργία, ilha Κοβαλοῦσα, mulheres do mar (θαλαττίους γυναικας) antropófagas, em ginocracia, que convidavam e devoravam homens estrangeiros visitantes, no sono, após ficarem ébrios (Luc. 2.46. Vd. *Plu. Paral.* 29.319e; *schol. Ar Ra.* 294 in *Eccles.* 1056. Testamento de Salomão 1320sd). Cf., *mutatis mutandis*, Ulisses e Circe, Parth. 12; Apuleio, *Burro Dourado*. Todavia, para Pselo, trata-se de um demónio masculino. Vd. outrossim traços de vampirismo (e.g. figuras femininas, como Lâmia (de Corinto), Empusa, Murmólice) em Philostr. *VA* 4.25, a propósito de uma lâmia, bela mulher, e a exploração de desejos eróticos, face ao garboso e atlético jovem filósofo lício, Menipo, para

similares a cães, leões e outros animais, nos quais o comportamento é masculino. Então, não é difícil para o demônio que atormenta as grávidas ver-se mulher, o qual lascivo, que gosta de líquidos sujos; de facto, assume a forma que corresponde à vida que lhe agrada. Ao vociferar ele segundo os arménios, Marco não explicou, pois não foi procurado por nós; Mas considero que isto portanto também é visível, que não é capaz de encontrar uma linguagem própria de demônios, se também alguém fale hebraico, se grego, se sírio ou se alguma bárbara¹⁵⁹. Na realidade, que necessidade de voz para eles, que comunicam sem voz, como antes disse? Mas quando, como nos anjos de Deus, outros estão diante de outros, assim também outros demônios se posicionam juntos noutras inserções, cada quais falam as línguas de cada quais; por isso também alguns na Grécia fizeram profecias de [versos] heroicos, uns junto dos caldeus tinham invocações em língua caldaica, assim como outrossim entre os egípcios fizeram aproximarem-se com vozes egípcias. E exatamente esses demônios, se acontece partirem para outro lugar, entre os arménios, na língua deles, como genuína, e usam-na essa linguagem como sua.

TIMÓTEO — Bem, ó Trácio. Mas porque têm medo da espada e das ameaças? Ora, porque julgando sentir por eles, se retiraram e se ausentam?

TRÁCIO — Tu não és o único, ó Timóteo, a ficar a duvidar agora acerca disso; mas primeiramente eu fiquei em dúvida face a Marco. E ele, tirando-me a dúvida, disse que todas as espécies de demônios são cheias de coragem e covardia e extremamente mais do que as outras relativamente às matérias. "De facto, os aéreos adquirindo a maior quantidade de reflexão, se alguém ameaçar, sabem distinguir pelo menos então o que ameaça, e nenhum dos incomodados se liberta, se este [indivíduo] não for piedoso em relação ao culto divino e invoque o terrível nome da Palavra¹⁶⁰ de Deus, com força divina. Mas esses¹⁶¹ manifestamente materiais, temendo a expulsão para os abismos e a expulsão para os lugares ctónicos¹⁶², e, ainda, que os anjos os expulsem para esses, quando ameacem o despejo deles para aqueles lugares e digam os apelos dos anjos colocados para isso, temeram e tumultuam-se muito. É que, na estupidez, não conseguem nem distinguir quem os ameaça. Porém, se for uma velha, e se um velho orgulhoso fizer as ameaças, o medo apodera-se deles e muitas vezes são expulsos, como eles, sendo capazes das ameaças, levarem para o fim; assim, são medrosos e incapazes de distinguir. Por isso, lida com facilidade com

uma finalidade vampírica. É Apolónio, mais experiente, que a leva a admitir ser apenas uma aparência/ilusão vampírica. Cf., com contornos similares, Sibarís, Anton. Lib. 8.

¹⁵⁹ As civilizações da Antiguidade Clássica consideravam todas as demais etnias 'bárbaras'.

¹⁶⁰ Λόγος.

¹⁶¹ Entenda-se 'demônios'.

¹⁶² Cf., em particular, Hades, Tártaro.

excreções, digo exatamente com salivas, unhas e cabelos, a partir da linhagem impura dos feiticeiros e unidos com chumbo, cera, fios fino através de juramentos ímpios, causam afetos trágicos.

Então, porque sendo eles como esses, tu e também muitos dos outros os veneram? Disse eu; perguntei-lhe por causa da imbecilidade deles, deviam desprezar-se.

"Eu não!" disse ele, Marco, "mas nem outro, julgo, que tenha inteligência moderadamente, se dedica a esses malditos! Todos feiticeiros e homens nefastos celebram esses. Tantos de nós suportam desses trabalhos ímpios, nós servíamos muito os aéreos, e havendo nós desejado com sacrifício para eles que algum demónio deslize [furtivamente]. De facto, se alguém tivesse feito isso para fazer medo, também cuidado! Atirou com pedras. Com efeito, isto é próprio dos subterrâneos, apedrejar os que atingem com arremessos muito fracos. Também por isso evitamos o encontro com desses."

"Mas, e que - disse - proveito tiraste a propósito do culto aos aéreos?"

«Nada, nada útil deles, disse, ó nobre, porque as suas coisas são de ostentação, orgulho, mentira e imaginação vazia. Com efeito, luzes como o fogo vêm para os que veneram entre eles, exatamente iguais a algumas cadentes que, movimentando-se baixas, o que os loucos julgam digno chamar visões divinas, nem tendo tido verdade, nem constância, nem firmeza (de facto, que luminosidade pode haver nos demónios enegrecidos?); todavia, havendo tido brincadeiras deles, assim como nos truques dos olhos, ou as coisas acerca dos chamados impressionistas, nascidas do engano dos que observam. E isso eu, sem valor, tendo descoberto muito antes, tentando afastar disso, tendo venerado, apesar disso, até agora retido enganado; e a minha ruína seria total, se tu não me tivesses conduzido pelo caminho da verdade, como um farol a brilhar no mar numa noite sem luar.

Dizendo isso, Marco molhou com lágrimas as bochechas. E eu, consolando-o, "é-te possível lamentar também depois" - disse; agora é a hora de celebrar a tua salvação e agradecer a Deus saber, pelo qual se liberta a alma e a mente da perdição. Mas mostrar-me-ás isso, porquanto desejoso de aprender, se os corpos dos demónios são iguais de se derrotar.

"São atingidos," disse Marco, "quando atirares sólidos na pele, sentem."

Mas como, disse, sendo espíritos e não sólidos nem compostos? E tu tens que a sensação é própria dos compostos.

E ele "Surpreendo-me" - disse - "que te seja desconhecido isso, que a percepção não é um músculo ou um nervo, mas o espírito que existe neles. Por isso, se o nervo for comprimido, se for arrefecido, se sofrer algum outro semelhante, a dor é do espírito

enviado para o espírito; de facto, segundo isso, se um composto não sente dor, mas participa do espírito; quando despedaçado ou morto é insensível, havendo ficado sem espírito. E logo, através de tudo, o demónio, o qual é por natureza sensível, em todas as partes, imediatamente vê, ouve e sofre sensações táteis, e dividido sofre segundo os sólidos dos corpos; com esta diferença deles, porque os outros, sendo divididos, dificilmente ou ninguém reconstitui, o demoníaco com rapidez une-se de novo, segundo porções de ar ou de água, havendo um sólido caído no meio. Mas se rapidamente se une a fala com o espírito, sofre, exceto no momento em que ocorre a separação. E por isso temem as bordas dos metais e são atemorizados. Sabendo dessas aversões, os feiticeiros erguem verticalmente agulhas ou adagas onde não queiram que se aproximem, e fazem outras coisas ou afastando com antipatias, ou para apaziguar, com simpatias."

Isso acerca dessas coisas, como me parece, Marco mostrou de forma convincente.

TIMÓTEO — Também te disse isso, ó Trácio, se a raça dos demónios previa?

TRÁCIO — Disse que tinha capacidade de prognose, mas nem causal, nem intelectual, nem científica, só figurativa; e por isso errada, como muitas coisas. E particularmente os materiais têm a prognose fraca, dúbia e falam nada de verdade ou o mínimo.

TIMÓTEO — Então é possível explicar acerca da prognose neles?

TRÁCIO — Explicaria, se tivesse proporção a falar; mas no imediato, contudo, hora de voltar para casa. E de vir a encharcar aqui sentados sob o ar livre.

TIMÓTEO — O que fazes, ó companheiro, deixando o discurso ainda suspenso?

TRÁCIO — Não te zangues, mais amigo dos homens! Providenciando Deus, se quando voltar a encontrar contigo, completaremos com o discurso em falta, distintamente acima dos décimos dos siracusanos¹⁶³.

¹⁶³ Considere-se a excessiva riqueza tradicional dos siracusanos, recordada em tiradas proverbiais como: οὐκ ἂν ἐξικνοῖτο αὐτοῖς ἡ Συρακουσίων δεκάτη, "o dízimo dos siracusanos não bastaria para eles" (Str. *Chr.* 6.2.4).

REFERÊNCIAS

- BARBER, C.; JENKINS, D. eds. **Reading Michael Psellos**. Leiden: Brill, 1989.
- BASSETT, S. ΔΑΙΜΩΝ in Homer. **CR**, v. 33, n. 7/8, p. 134-136, 1919.
- BENT, T. Michael Psellos: his times and writings. **British Quarterly Review**, v.82, p. 287-302, 1885.
- BIDEZ, J. **Michel Psellus, Epître sur la Chrysopée, opuscules et extraits sur l'alchimie, la météorologie et la démonologie. En appendice : Proclus, sur l'art hiératique ; Psellus, choix de dissertations inédites**. Bruxelles: Lamertin, 1928.
- BOISSIER, G. **La Fi du Paganisme. Étude sur les dernières luttes religieuses en Occident au quatrième siècle**. Paris: Hachette, 1891.
- BUFFIÈRE, F. **Les mythes d'Homère et la pensée grecque**. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- BUZZETTA, F.; NAPOLI, V. Elementi di demonologia neoplatonica nell'opuscolo bizantino Τίνα περι δαιμόνων δοξάζουσιν Έλληνες. Alcune considerazioni. In MARIEV, S. ed. **Byzantine Perspectives on Neoplatonism**. Berlin/Boston: De Gruyter, p. 175-220, 2017.
- CABRERA MUÑOZ, E. **Historia de Bizancio**. Barcelona: Ariel, 1998.
- CAMERON, A.; GAUL, N. **Dialogues and Debates from Late Antiquity to Late Byzantium**. London/New York: Routledge, 2017.
- CAREY, C. Archilochus and Lycambes. **CQ**, v. 36, n. 1, p. 60-67, 1986.
- Correa, P. Retratos de heteras? Arquíloco de Paros, Fr. 30, 31, 33 IEG. **Nuntius Antiquus**, v. 13, n. 1, p. 279-292, 2017.
- CORTESI, M.; MALTESE, E. Per la fortuna della demonologia pselliana in ambiente umanistico. In **Dotti bizantini e libri greci nell'Italia del secolo XV** (Atti del Convegno internazionale, Trento 22-23 ottobre 1990). Napoli: D'Auria editore, p. 129-192, 1991.
- DAWES, E.; BAYNES, N. **Three Byzantine Saints**. Crestwood: St. Vladimir's Seminary Press, 1977.
- DE MATONS, J. Psellos et le monde de l'irrationnel. **T&MBYZ**, v. 6, p. 325-349, 1976.
- DELATTE, A.; JOSSERAND, Ch. Contribution à l'étude de la démonologie byzantine. **AIPhO**, v. 2, p. 207-232, 1934.
- DODDS, E. **The Greeks and the Irrational**. Berkeley: University of California Press, 1951.
- _____. **Pagans and Christians in an Age of Anxiety: Some aspects of religious experience from Marcus Aurelius to Constantine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- _____. Supernatural Phenomena in Classical Antiquity. **Proceedings of the Society for**

Psychical Research, v. 5, p. 189–271, 1971.

DUFFY, J.; O'MEARA, D. eds. **Michaelis Pselli Philosophica minora: Opuscula psychologica, theologica, daemonologica**, v. 2. Leipzig: B.G. Teubner, 1989.

FESTUGIÈRE, A.-J. **Vie de Théodore de Sykéon**. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1970.

FICKER, G. **Die Phundagiagiten. Ein Beitrag zur Ketzergeschichte des byzantinischen Mittelalters**. Leipzig: Johann A. Barth, 1908.

FINLEY, M. The Elderly in Classical Antiquity. **G&R**, v. 28, n. 2, p. 156-171, 1981.

GARZYA, A. On Michael Psellus' Admission of Faith. **EEBZ**, v. 55(1966), p. 4-6, 1966-1967.

GAUTIER, P. Un second traité contre les Latins attribué à Théophylacte de Bulgarie. **Θεολογία**, v. 48, p. 547-569, 1977.

_____. Le De daemonibus du Pseudo-Psellos. **REByz**, v. 38, p. 105-194, 1980.

_____. La défense de Lazare de Philippoupolis par Michel Psellos. **T&MBYZ**, v. 8, p. 151-169, 1981.

_____. Pseudo-Psellos : Graecorum opiniones de daemonibus. **REByz**, v. 46, p. 85-107, 1988.

GIOVANNONZI, D. (2000). Porphyrius, Plotinus et alii platonici. **Bruniana & Campanelliana** 6, n. 1: 79-103.

GOODWIN, D. (1881). On the Use of ψυχή and πνεῦμα and Connected Words in the Sacred Writings. **JBL**, v. 1, n. 2: 73-86.

HAMILTON, J. ed. **Christian Dualist Heresies in the Byzantine World, C. 650-c. 1450 Selected Sources**. Manchester: St. Martin's Press, 1998.

HARRISON, J. Pandora's Box. **JHS**, v. 20, p. 99-114, 1900.

HAYTON, D. Michael Psellos's De Daemonibus in the Renaissance. In Barber, C.; Jenkins, D. eds. **Reading Michael Psellos**. Leiden: Brill, p. 205–227, 2006.

HENRICH, A. Dionysus Dismembered and Restored to Life: the Earliest Evidence (OF 59 I-II). In HERRERO DE JÁUREGUI, M. et al. (eds.). **Tracing Orpheus: Studies on Orphic Fragments in Honour of Alberto Bernabé**. Berlin/Boston: De Gruyter, p. 61-68, 2012.

HENRICH, A. Mystika, Orphika, Dionysiaka: Esoterische Gruppenbildungen, Glaubensinhalte und Verhaltensweisen in der griechischen Religion. In BIERL, A.; BRAUNGART, W. (eds.). **Gewalt und Opfer. Im Dialog mit Walter Burkert. Mythos Eikon Poiesis**, v. 2. Berlin/New York: De Gruyter, p. 87-114, 2019.

HUSSEY, J. Michael Psellus, the Byzantine Historian. **Speculum**, v. 10, n. 1, p. 81-90, 1935.

- JAEGGER, W. The Greek Ideas of Immortality. *HThR*, v. 52, p. 135-147, 1959.
- JENSEN, M. *The Homeric Question and the Oral-formulaic Theory*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1980.
- JOANNOU, P. *Démonologie populaire—démonologie critique au XIe siècle. La vie inédite de S. Auxence par M. Psellos*. Wiesbaden, Harrassowitz, 1971.
- KALDELLIS, A. *Mothers and Sons, Fathers and Daughters. The Byzantine Family of Michael Psellos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006
- KARATHANASIS, D. *Sprichwörter und sprichwörtliche Redensarten des Altertums in den rhetorischen Schriften des Michael Psellos, des Eustathios und des Michael Choniates sowie in anderen rhetorischen Quellen des XII. Jahrhunderts*. München: Pilger-Druckerei, 1936.
- KRUMBACHER, K.; EHRHARD, A. *Geschichte der byzantinischen Litteratur von Justinian bis zum Ende des Oströmischen Reiches*. München: Beck, 1897.
- LESHER, J. Xenophanes' Skepticism. In Anton, J.; Kustas, G.; Preus, A. eds. *Essays in Ancient Greek Philosophy*, v. 2. Albany: New York Press, p. 20-40, 1983.
- MAGDALINO, P.; MAVROUDI, M. eds. *A Companion to Byzantine Science*. Genève: La Pomme d'or, 2006.
- MARIEV, S. ed. *Byzantine Perspectives on Neoplatonism. Byzantine Perspectives on Neoplatonism*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2017.
- MOORE, P. *Iter Psellianum. A detailed listing of manuscript sources for all works attributed to Michael Psellos. Including a comprehensive bibliography*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2005.
- NAGY, G. *Homeric Questions*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- PAPAIOANNOU, S. *Michael Psellos: Rhetoric and Authorship in Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- RIEDINGER, J.-C. Quatre étapes de la vie de Michel Psellos. *REByz*, v. 68, p. 5-60, 2010.
- SCHAMP, J. Michel Psellos à la fin du XXe siècle : état des éditions. *AC*, v. 66, p. 353-369, 1997.
- SVOBODA, K. *La démonologie de Michel Psellos*. Paris: Les Belles- Lettres, 1927.
- TATAKĒS, B. *Byzantine Philosophy*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Co, Inc., 2003.
- TIMOTIN, A. *La démonologie platonicienne. Histoire de la notion de daimōn de Platon aux derniers néoplatoniciens*. Leiden/Boston: Brill, 2012.
- TOO, Y.; LIVINGSTONE, N. *Pedagogy and Power: Rhetorics of Classical Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TROCA PEREIRA, R. **Agamemnon(es): Entre o Mito e a Literatura**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

TROCA PEREIRA, R. **Poltergeist: quem tem medo de φαντάσματα?** (Phleg. Mir. 1-3 em consideração). **Revista de Estudios Clásicos**, v. 43, p. 211-232, 2016.

TÜMPEL, K. Ἀλκίνου ἀπόλογος. **Philologus**, v. 52, n. 3, p. 522-533, 1893.

TUNER, F. The Homeric Question. In Morris, I.; Powell, B. eds. **A New Companion to Homer**. Leiden: Brill, p. 123-145, 1997.

WESTERINK, L. Proclus, Procopius Psellus. **Mnemosyne**, v. 10, n. 4, p. 275-280, 1942.

ZERVOS, C. **Un philosophe néoplatonicien du XIe siècle : Michel Psellos : sa vie, son oeuvre, ses luttes philosophiques, son influence**. Paris. E. Leroux, 1919.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



TROCA PEREIRA, Reina Marisol. Reflexões demonológicas bizantinas: (Ps.)-Pselo. Τιμότεο ou Sobre a Atuação dos Demónios (Τιμόθεος ἢ Περί Ενεργειας Δαιμόνων). **Synesis**, <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis>, v. 13, n. 1, p. 215-258, abr. 2021. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2051>
